



A cidade além do Congresso

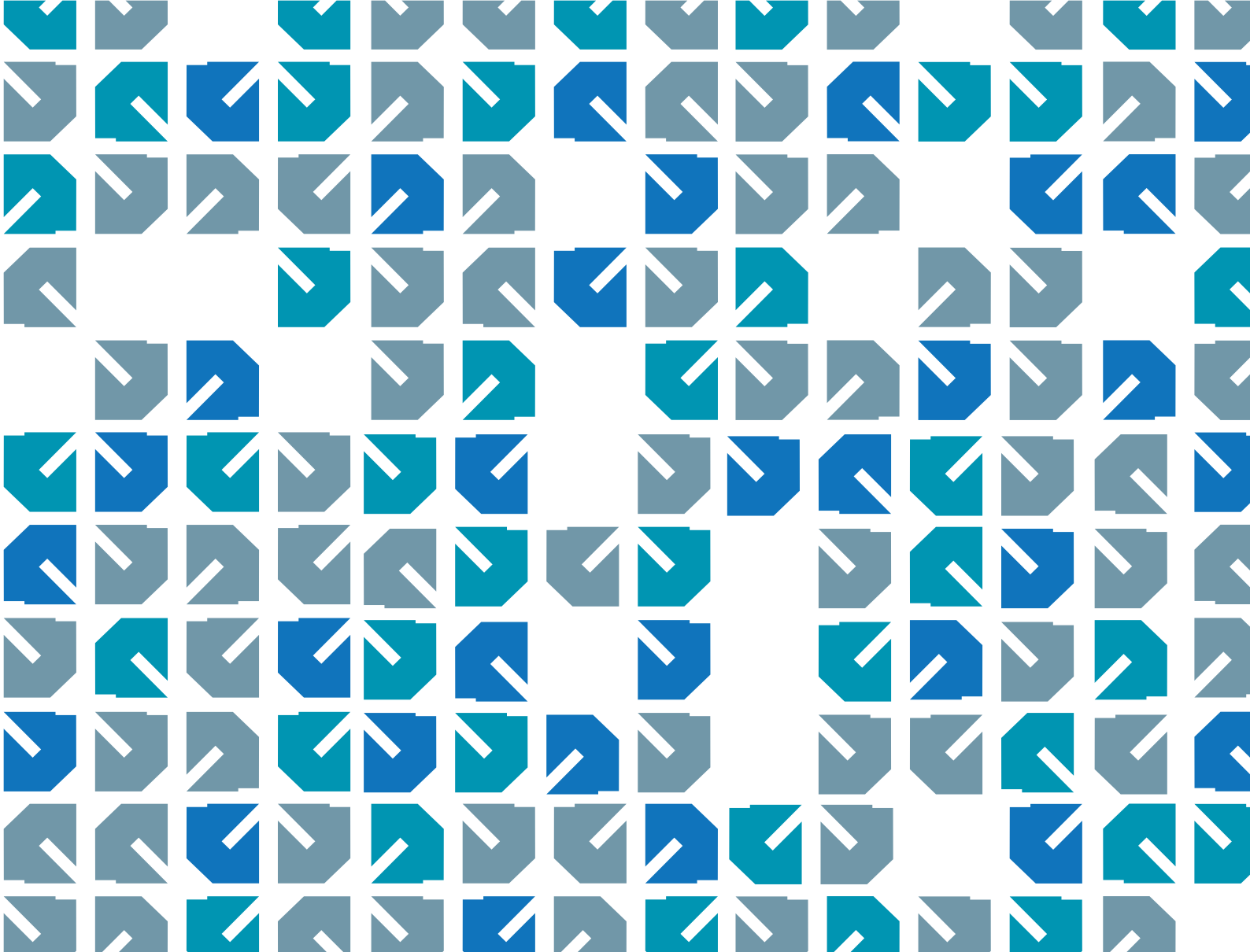
Um guia para conhecer Brasília como brasiliense

Isabela Bonfim



A cidade além do Congresso

Um guia para conhecer Brasília com brasiliense



Sumário

Existe vida além do Congresso	6
Como usar este guia	8

Entenda Brasília 12

Radiografia	14
Quarteto Fantástico: Os criadores	18
Encontrando e se encontrando em Brasília	24

Brasília é Gregária 30

Escala Gregária	32
Relíquia nacional	36
O charme da decadência	40
Cultura ao alcance de todos	46

Brasília é Residencial 52

Escala Residencial	54
A vida em blocos	58



Brasília no garfo

62

Indo às compras à moda brasiliense

68

Brasília é Bucólica

74

Escala Bucólica

76

Longe do mar, mas perto do céu

80

Na beira

88

Na natureza selvagem e na natureza urbana

94

Brasília é Monumental

100

Escala Monumental

102

Artesanato e histórias

106

Lazer monumental

110

Um monumento para todos

114

Existe vida além do Congresso

Isabela Bonfim

EDITORIAL “Brasília é a cidade mais linda do mundo”, eu disse. Ao que me responderam “e quantas cidades no mundo você conhece?”. Na época, nenhuma. Era a primeira vez que eu saía do Brasil. Passei meia hora no aeroporto de Lisboa e pousei minhas malas na charmosa Braga, na região do Minho em Portugal. Isso não diminuía a minha certeza. Depois de visitar dezenas de países, foi apenas um prazer confirmar: Brasília é a cidade mais linda do mundo.

Há quem discorde, é claro. Não me incomodo. A grande motivação desse guia não é mostrar que Brasília é a melhor,

mas que é diferente. E vale a visita. Oscar Niemeyer concorda comigo. Ao contrário do que imaginam, Brasília nunca foi a obra predileta do arquiteto. Ele sequer morou muitos anos na cidade. Mas o carioca convicto assinalou: “Você pode ir a Brasília e gostar ou não dos palácios, mas você não pode dizer que viu coisa parecida. Pode ter visto melhor, parecida não”.

O soviético Yuri Gagarin foi o primeiro astronauta a viajar pelo espaço. O homem que noticiou ao mundo que “a Terra é azul” foi o mesmo que disse “a impressão que tenho é a de estar chegando em um planeta diferente”. Era agosto de 1961 e Gagarin

acabava de aterrissar na estranha Brasília.

Para quem nasce e cresce na cidade, entretanto, Brasília é apenas natural. Estranho é andar apertado nas calçadas estreitas do interior do bairro de Copacabana. Não ver o horizonte na claustrofóbica Amsterdã. Procurar o sol que nunca toca o chão entre os arranha-céus da City em Londres. Ou se acostumar ao caos natural do corre-corre de Istambul. Ser de Brasília me tornou uma viajante, no mínimo, mais exigente.

Brasília da arquitetura moderna. Brasília da corrupção. Você já ouviu falar dessa cidade. Você já até esteve aqui e visitou o Eixo Monumental. Mas esse é

apenas um quarto da cidade idealizada por Lucio Costa. Brasileiros não moram na Esplanada dos Ministérios, não jantam na Câmara dos Deputados e não casam na Catedral Metropolitana. Esse guia é também um convite a conhecer um outro lado de Brasília, a cidade que come, bebe e se diverte independentemente do centro político.

Existe vida além do Congresso Nacional. E existem pessoas querendo lhe contar sobre isso. Esse guia nasce também de uma efervescência. Um olhar mais atento vai perceber que Brasília grita. Depois de pouco mais de meio século de vida, a cidade fincou raízes. Somos brasileiros, não somos candangos. A

geração do meu pai discutia o que é Brasília, mas a minha geração já sabe. Temos uma identidade e adoramos isso.

Há uma forte movimentação na cidade. Eventos públicos, artistas e grifes que buscam promover a cultura local ou simplesmente reunir pessoas que querem aproveitar ao máximo a condição de viver Brasília, de ser Brasília. É um momento de transição na história da cidade planejada que vou arriscar comparar à Semana de 1922. Incompreendido por muitos, mas que vai influenciar as relações sociais, culturais e políticas da capital federal no futuro. É simplesmente um privilégio escrever em meio à antropofagia brasiliense.

Como usar este guia

Este guia é um convite a olhar Brasília de outros ângulos. Por essa razão, ele é dividido em seções que seguem o planejamento urbanístico da cidade. Lucio Costa desenhou Brasília em quatro escalas que sinalizam setores de acordo com as atividades exercidas em cada área. Essa é também a divisão de capítulos do guia, que busca mostrar outras atrações em Brasília, além da conhecida função administrativa e política da capital.

Dessa forma, você está convidado a explorar as diferentes faces de Brasília, visitando as escalas Monumental, Gregária, Residencial e Bucólica. A escala Monumental é a mais conhecida, *sede e símbolo*

do poder político nacional. A escala Gregária reúne espaços onde a população se congrega, como centros de diversão, escritórios e comércio. Já a escala Residencial é onde os brasilienses moram. E a escala Bucólica é o cinturão verde que permeia todos os demais setores.

Apesar de cada escala ser baseada em uma atividade-fim específica, é possível explorar as regiões de maneiras diferentes. O setor dedicado à moradia, por exemplo, é também um ponto gastronômico e de compras. Para saber o que você vai encontrar em cada seção do guia, consulte os ícones ao longo das páginas:



Para ver
arquitetura e paisagens



Gastronomia
restaurantes, bares
e lanchonetes



Compras
lembrancinhas, roupas,
livros e outros



Cultura
teatros, galerias e museus



Diversão
cinemas, parques e
casas noturnas

Se você busca por interesses específicos, use o índice remissivo ao fim do guia e localize as atrações de cada categoria.

Exemplo:



Gastronomia

Feira da Torre, p. 12

Quadra gastronômica, p. 27

As indicações desse guia não pretendem esgotar as opções turísticas de Brasília, longe disso. O objetivo é apontar locais que tenham algum simbolismo ou

longevidade histórica e que, de certo modo, permeiam o imaginário dos brasilienses. Sejam esses seus locais preferidos ou não.

A vantagem é que Brasília é uma cidade muito setorizada. Então, além das escalas, você vai se deparar com o setor hoteleiro, o setor de diversões, o setor bancário e muitos outros. O mote desse guia é usar da setorização da cidade para ajudar você a se localizar, entender a lógica de Brasília como um morador e descobrir as demais atrações por conta própria. Bem-vindo à capital federal.

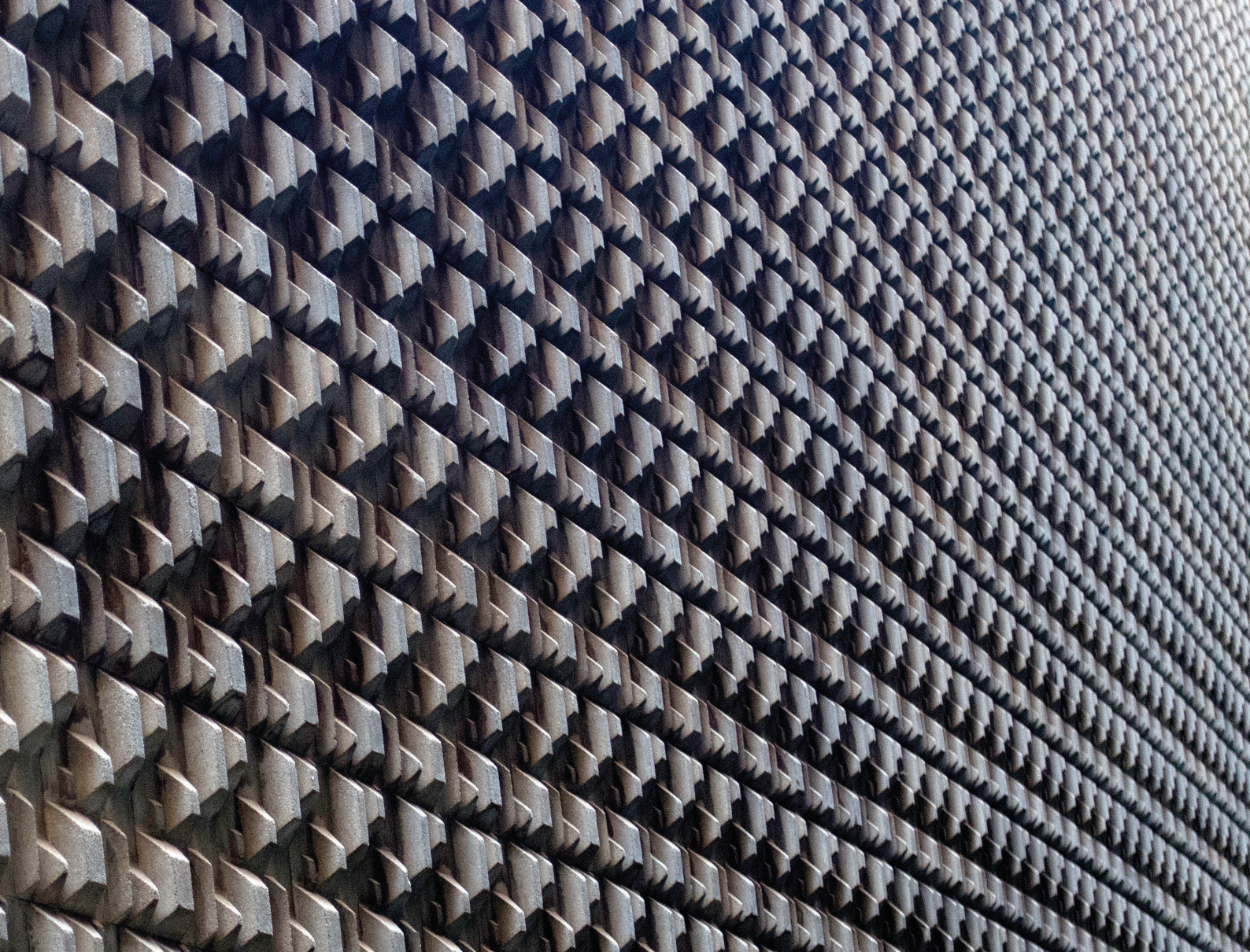


- Escala Monumental
- Escala Residencial
- Escala Gregária
- Escala Bucólica





Entenda Brasília



Radiografia

Brasília — Distrito Federal, capital do Brasil

Habitantes: 2,8 milhões¹ (4ª cidade mais populosa do país)

Área: 5.801,937 km²

Fundação: 21 de abril de 1960

Clima: tropical úmido, verão chuvoso e inverno seco

Recordes

Brasília foi projetada para 500 mil habitantes e construída em três anos e seis meses. Nunca na história humana uma ci-

dade que surgiu do nada foi construída em tão curto espaço de tempo. Nenhuma cidade no século XX foi sequer proposta com o tamanho de Brasília. A capital é a maior construção erguida nos últimos séculos.

Quem inventou Brasília

Ainda quando o Brasil era colônia, o cartógrafo genovês Francisco Tossi Colombina sugeriu que a sede do governo ficasse na região do Planalto Central. Nos duzentos anos que separam a sugestão da construção de fato da cidade, muitas outras figuras históricas defenderam a mudança para diferentes setores do país. Por

¹ Dados: Censo 2010, IBGE 2012-2014 e Ipea 2013.



fim, a transferência da capital foi oficializada pela primeira Constituição da República em 1891. Mas deve-se à Juscelino a iniciativa de tirar a capital do papel.

Competição urbanística

O projeto de Brasília foi escolhido por meio do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital, sendo Oscar Niemeyer um dos jurados. As propostas deveriam ser elaboradas por brasileiros e apresentar uma cidade que fosse funcional, diferente de qualquer outra e com expressão arquitetônica própria. O projeto de Lucio Costa foi escolhido entre 26 inscrições, com a justificativa de ser o que “melhor integra os elementos monumentais na vida cotidiana da cidade, apre-

sentando em uma composição coerente, racional e de essência urbana: uma obra de arte”.

Plano Piloto ou Brasília ou Distrito Federal

Os projetos inscritos no concurso urbanístico da nova capital eram chamados de “Plano Piloto”. Até hoje esse é o apelido dado a Brasília, ou à região do Distrito Federal (DF) projetada por Lucio Costa. O DF é composto por 31 cidades, sendo Brasília apenas uma delas. Os habitantes da região usam o termo “Brasília” para se referir ao Distrito Federal e o termo “Plano Piloto” para denominar o que de fato é a cidade de Brasília. Quando um brasiliense diz “estou no Plano”, ele quer dizer “estou em Brasília”. E

quando ele diz “fui embora de Brasília”, ele quer dizer que foi morar fora do Distrito Federal.

Patrimônio

Brasília é Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. É natural que centros históricos muito antigos sejam tombados ao redor do globo. A diferença é que toda a cidade de Brasília é considerada patrimônio, sendo a maior área tombada do mundo (112,25 km²). Além disso, a capital entrou na lista com apenas 27 anos de idade e é o único bem contemporâneo do planeta a receber a classificação.

Candango e brasiliense

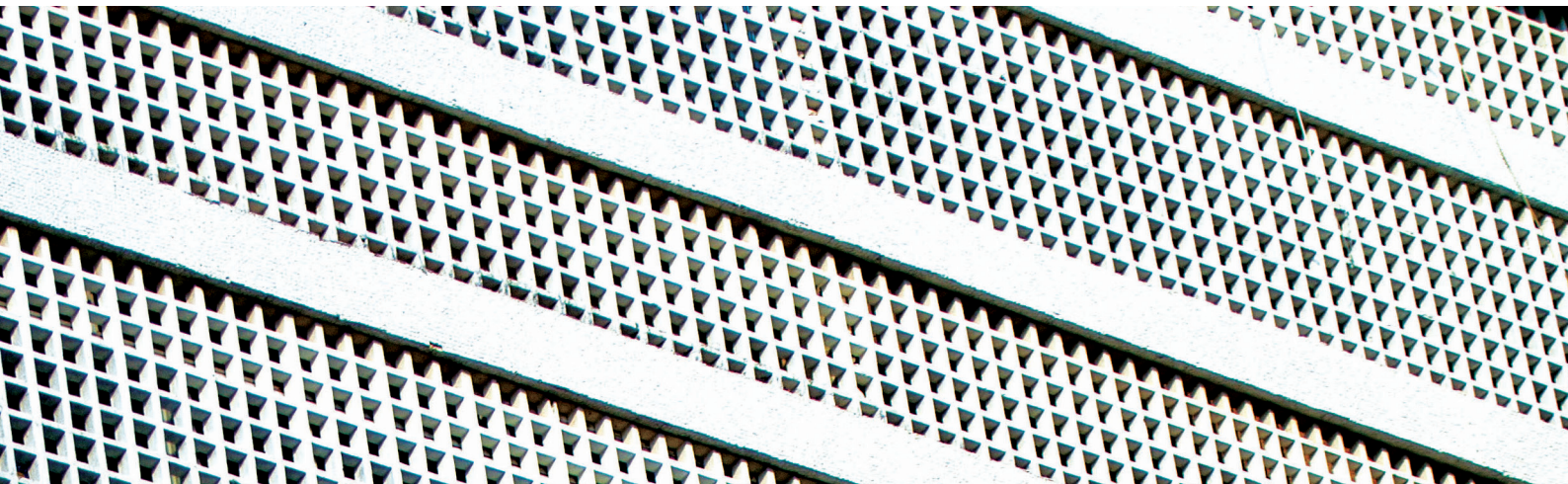
Brasiliense é o nome que se dá a quem nasceu em Brasília. Candango é o termo usado para iden-

tificar os trabalhadores de outras regiões que migraram para a cidade e participaram da construção da capital. É comum que os termos sejam usados como sinônimos, mas a palavra “candango” tem origem pejorativa e significa “ruim” ou “ordinário” em dialetos africanos. Muitos dicionários já definem candango como “que vem de fora; trabalhador comum que colaborou na construção de Brasília”.

A ilha

Brasília destoa do restante do país em dados sociais e econômicos. Em 2011, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Distrito Federal atingiu R\$ 63.020, o dobro do valor registrado em São Paulo (segundo colocado) e três vezes maior que a média nacional. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no Distrito

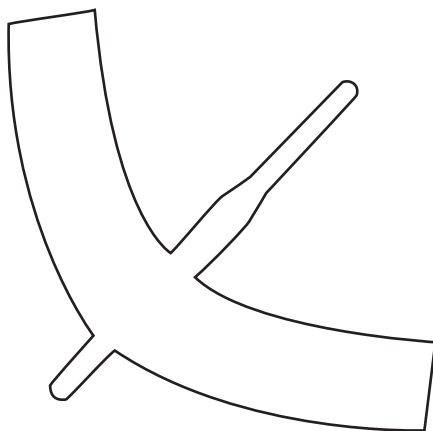
Federal é o maior do país, sendo a única unidade federativa a integrar a classificação mais avançada, equivalente a países desenvolvidos. O DF também tem o maior desenvolvimento educacional, com quase 20% da população com nível superior. Porém, a desigualdade social entre Brasília e as cidades vizinhas também é alarmante, com a diferença de renda média chegando a 281%.



Quarteto Fantástico: Os criadores

Lucio Costa

○ Urbanista



Apesar de Brasília ser muito lembrada pelas obras de Niemeyer, Lucio Costa é a mente por trás da cidade planejada. Vencedor do concurso urbanístico que determinou o projeto da capital, Costa desenhou aquilo que ele imaginava ser uma “cidade voltada para o trabalho ordenado e eficiente, mas também viva e aprazível, capaz de tornar-se, além de centro de governo, um foco de cultura do país”. A perfeita combinação do monumento com a funcionalidade. O documento conhecido como Relatório Lucio Costa é o parâmetro para o tombamento e o título de patrimônio mundial de Brasília.

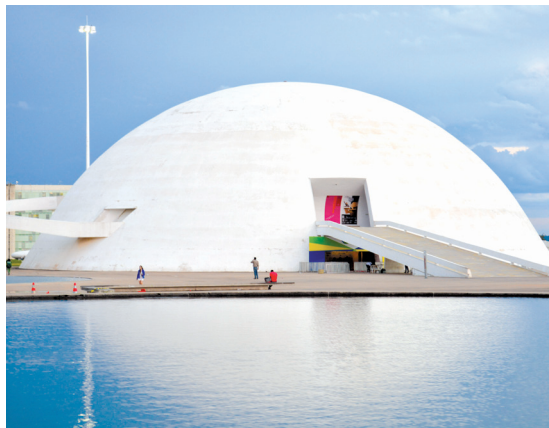
Discípulo do urbanista franco-suíço Le Corbusier, Lucio Costa foi pioneiro no Brasil e referência mundial em arquitetura moderna. Diretor da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, foi professor de Oscar Niemeyer, com quem viria a dividir diferentes projetos. Apesar de ter inserido o Brasil no mapa da arquitetura moderna, Lucio Costa foi sempre reco-

nhecido pela discrição. Na inauguração, o urbanista não veio a Brasília, primeiro porque desejava “deixar todo o crédito de expressão arquitetônica e da construção propriamente dita da cidade para Niemeyer e (o engenheiro) Israel Pinheiro”; segundo porque a falecida esposa “teria adorado estar lá, e prefiro compartilhar com ela essa impossibilidade de fazê-lo”.



Oscar Niemeyer

O Arquiteto



Chefe do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), Niemeyer foi grande mentor no projeto de construção da capital, amigo e conselheiro do presidente Juscelino Kubitschek. Foi responsável, especialmente, pelo projeto

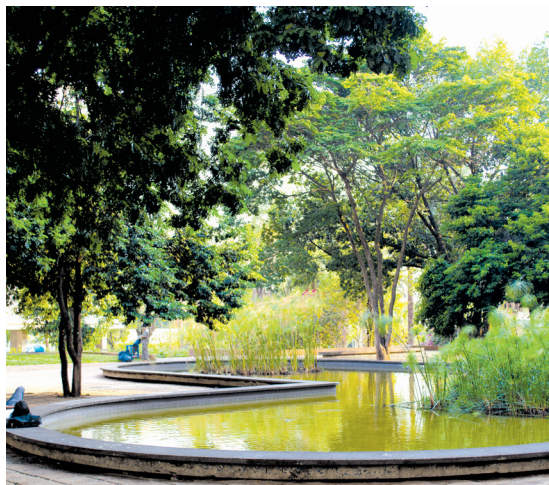
dos prédios públicos de Brasília, desenvolvendo as principais edificações ao longo do Eixo Monumental. Sua arquitetura única e facilmente identificável é o maior símbolo da capital federal, pela qual é mundialmente reconhecida. Outras edificações se integram ao cotidiano do brasileiro, como o Cine Brasília, a Escola Classe 308 Sul e até mesmo algumas paradas de ônibus.

Eleito o 9º maior gênio vivo da humanidade em 2007, Niemeyer também coleciona títulos técnicos. Projetou edifícios em diferentes países, como a sede das Nações Unidas em Nova Iorque, a Universidade de Constantine na Argélia e a sede do Partido Comunista Francês em Paris. Niemeyer, que também foi orientado por Le Corbusier, encontrou a singularidade de sua arte e superou a arquitetura modernista. Rompeu com o ângulo reto e a funcionalidade, abraçou as formas curvas e sinuosas e respondeu: “Se é belo, funciona”.



Burle Marx

O Paisagista



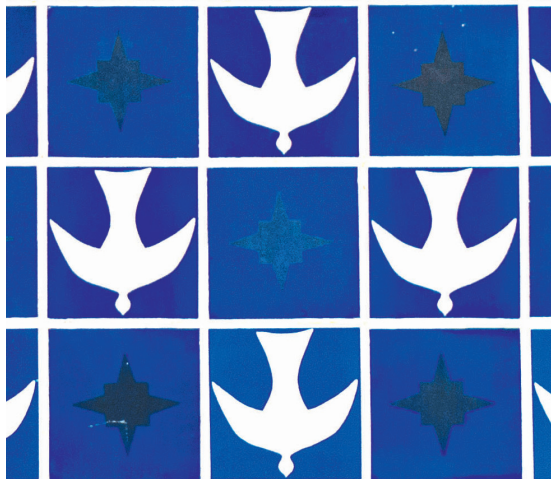
Roberto Burle Marx é mais famoso pelas curvas em preto e branco do calçadão de Copacabana. Originalmente artista plástico, herdou da mãe a paixão pelas plantas e cresceu arquiteto-paisagista. Sua arte traz um pouco das duas formações, como se

Burle Marx de fato pintasse com as plantas. Conhecido por sua preocupação ambiental e preservação da flora brasileira, Burle Marx inovou ao usar em suas criações plantas nativas do Brasil e isso se tornou sua característica mais marcante. O sobrenome não é por acaso. Com ascendência alemã, o avô era primo de Karl Marx.

Quando a capital ainda nem havia sido planejada, Burle Marx já era indicado como maior arquiteto-paisagista do mundo. Seu trabalho não foi integrado em larga escala ao projeto original de Brasília e não estava incluído nos primórdios da construção. Ele participou, por exemplo, do projeto do Parque da Cidade – mas não o assina, por ter sido muito desvirtuado durante a execução. Os maiores ícones de sua obra em Brasília são os jardins de palácios públicos, com destaque para o Itamaraty, além do reconhecido paisagismo da SQS 308.

Athos Bulcão

O Artista



Athos é verdadeiramente o artista de Brasília. Carioca, mudou-se para a capital em 1957 e aqui residiu até a morte. A convite de Niemeyer, integrou a equipe de arquitetura e urbanismo que conduziu a construção da cidade. Pintor, escultor,

desenhista, artista. Sua obra é famosa pelos painéis de azulejos modernistas, com composições geométricas abstratas em cuja ordem está a desordem. A arte é dedicada ao público em geral; e não apenas ao que visita museus e galerias, mas àquele que por ela passa desavisado na rua.

Athos Bulcão não assina as próprias produções, o que diz muito sobre sua concepção de cidade como obra de arte coletiva. Em meados de 1960, decidiu deixar a montagem dos painéis ao encargo dos operários, que podiam executá-la livremente, com algumas pequenas instruções. A arte integra-se ao cenário da cidade, muitas vezes como um ornamento de concepções maiores. Ele compara sua participação na obra do arquiteto com a trilha sonora diante do diretor do filme. Seu traço está no relevo externo do Teatro Nacional, nas paradas de serviço do Parque da Cidade e até no aeroporto .

Encontrando e se encontrando em Brasília

Diferentemente de outras cidades, em que as ruas recebem nomes, em Brasília elas recebem coordenadas. O sistema pode causar estranhamento no início, mas é simples e prático. A vantagem é que, muito antes de todos terem um GPS no celular, Brasília já era uma cidade acessível para quem vinha de fora e não conhecia o nome e a localização das avenidas e bairros. Brasília é mais democrática, ela não exige boa memória, apenas que o indivíduo siga uma ordem numérica. Se você esquecer o mapa em casa ou ficar sem bateria no celular, não deixe de observar essas instruções.

Como bem explica Lucio Costa, o projeto da cidade “nasceu do gesto primário

de quem assinala um lugar ou dele toma posse – dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”. Os eixos principais são o Monumental e o Rodoviário, grandes avenidas que orientam a localização na cidade. Para os mais fãs de matemática, basta imaginar a cidade como um plano cartesiano. Aqueles que preferem uma abordagem mais lúdica podem pensar em um tabuleiro de batalha naval (veja mapa simplificado).

Os dois eixos se cruzam no ponto zero: o centro da cidade, mais conhecido como Rodoviária (ou “Rodô”, para os íntimos). A partir desse ponto, em qualquer direção que

você seguir, a numeração nos endereços vai sempre aumentar.

Coordenadas

Você já deve ter ouvido dizer que Brasília tem formato de avião. O Eixo Monumental equivale exatamente ao corpo da aeronave. Com 16 km de extensão e 12 faixas de tráfego (seis em cada sentido), é considerado uma das avenidas mais largas do mundo. Essa linha marca a divisão da cidade nas direções norte (N) e sul (S). Embora o conceito de bairro não seja amplamente utilizado em Brasília, essa é a principal referência de localização na cidade: Asa Sul e Asa Norte. Já o Eixo Rodoviário, apelidado de “Eixão”, percorre as asas do avião, marcando a divisão entre

leste (L) e oeste (W). São 13,5 km de extensão, cortando a cidade do início ao fim.

Veja no mapa (p. 26) como as faixas horizontais são indicadas por centenas: 100, 300, 500, 700 e 900 na direção W; e 200, 400, 600 e 800 na direção L. As faixas verticais são numeradas de 1 a 16 e espelhadas no sentido N e S. Localize no mapa as quadras 307N, 402N, 205S e 706S.

Sopa de Letrinhas

Números com indicação norte ou sul são mais do que suficientes para uma pessoa se localizar nas superquadras de Brasília. Mas, em outros setores, é comum que os números venham acompanhados de sopa de letrinhas. Siglas são muito populares na capital federal,

Siglas

CLN Comércio Local Norte
(faixa comercial entre duas quadras residenciais)

EQS Entrequadra Sul
(interior da quadra residencial com escolas, igrejas, etc.)

SAN Setor de Autarquias Norte

SBS Setor Bancário Sul

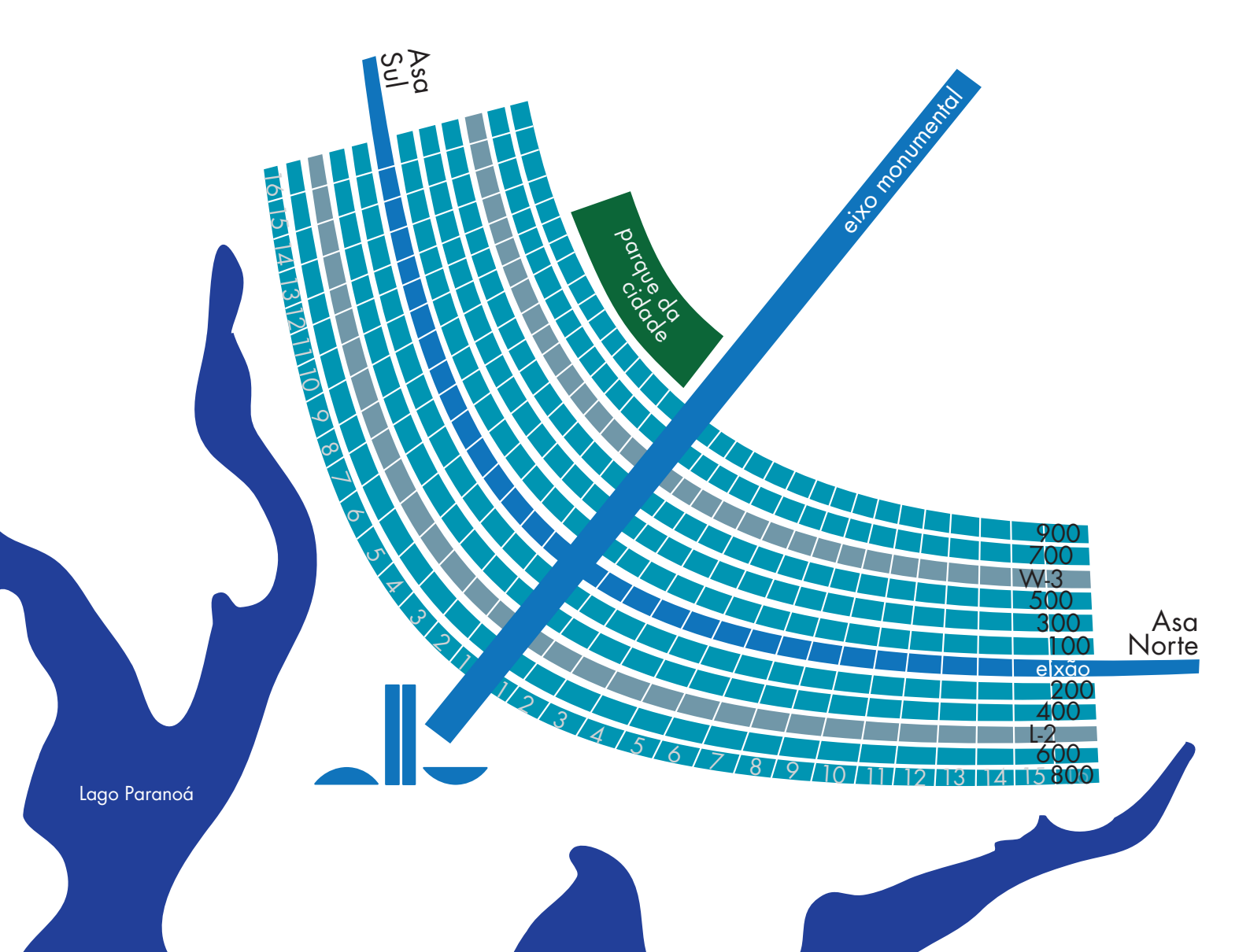
SCEN Setor de Clubes Esportivos Norte

SCS Setor Comercial Sul

SDN Setor de Diversões Norte

SES Setor de Embaixadas Sul

SGAN Setor de Grandes Áreas Norte (clínicas, escolas, centro de línguas, etc.)



mas no caso de endereços, elas trazem uma informação extra que é a funcionalidade daquele logradouro. Pode ser, por exemplo, uma área residencial, comercial, ou um setor bancário. Ao receber um endereço brasileiro, você realmente já sabe o que te espera. Confira algumas siglas e divirta-se com as mais diversas setorizações da cidade. Lembre-se que as asas são espelhadas, ou seja, tudo que tem do lado norte, pode ser encontrado também no lado sul.

Locomoção

Brasília foi planejada privilegiando o modelo rodoviário de transporte. Apesar disso, a cidade é também excelente para se pedalar. A proteção solar oferecida pela copa das árvores com-

binada ao terreno plano foram, finalmente, percebidos em 2012, quando começaram as obras da malha cicloviária da cidade. Apesar das limitações das ciclovias e a falta de bicicletários, hoje já é possível pedalar com facilidade entre as superquadras e, principalmente, visitando os pontos turísticos no Eixo Monumental. A cultura dos pedais, entretanto, ainda é pouco popular entre os brasilienses.

Para quem dirige, Brasília é o paraíso. As avenidas são amplas e praticamente sem cruzamentos ou semáforos de trânsito, possibilitando a rápida locomoção. Entretanto, o sistema foi extrapolado pelo contingente de carros e hoje existem engarrafamentos nos horários de pico. Nas faixas verticais, as

SHIGS Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul (vulgo “casas”)

SHN Setor Hoteleiro Norte

SHMS Setor Médico Hospitalar Sul

SQN Superquadra Norte (residencial)

SRTVS Setor de Rádio e Televisão Sul

**Lembre-se:
em Brasília,
não se buzina
e a faixa de
pedestres é
respeitada.**

Tesourinha, do brasiliês: solução de trânsito semelhante a um pequeno viaduto, mas com formato de tesoura. Apesar de gigante, o carinho perpetuou o diminutivo da palavra. São oito em cada asa do avião, ligando as quadras 200 às 100 sem interromper o trânsito do Eixo.

famosas tesourinhas fazem a ligação entre as quadras leste e oeste. Nas faixas horizontais, avenidas paralelas sempre duplicadas e com canteiro central cortam a cidade de norte a sul.

O modelo rodoviário dá preferência ao carro, mas também ao ônibus. Mesmo com as diversas queixas sobre o transporte coletivo no Distrito Federal, é relativamente fácil andar de ônibus dentro de Brasília. As linhas circulam entre as principais avenidas no sentido horizontal da cidade e muitas terminam na Rodoviária, onde o passageiro pode fazer ligação com as demais cidades do Distrito Federal usando o BRT (Bus Rapid Transit ou “ônibus expresso”) ou o metrô.



Conheça as avenidas mais famosas de Brasília e o que você pode encontrar nelas.

W3

Com comércio de um lado e habitações do outro, carrega um ar de centro antigo, com algumas instalações desocupadas, mas forte movimentação diurna. Único lugar com casas dentro do Plano Piloto, a W3 já foi endereço nobre, cercado pelas melhores lojas e restaurantes da cidade. Na altura da 703 Sul, a Praça do Compromisso abriga monumento em memória ao índio Galdino, queimado vivo em 1997 enquanto dormia na parada de ônibus da mesma quadra.

Eixão

Oficialmente Eixo Rodoviário. Avenida expressa, sem semáforos, com velocidade de 80 km/h é o marco que divide a cidade entre leste e oeste. Acompanhada pelos Eixinhos L e W, vias menores que dão acesso às quadras residenciais, abriga passagens subterrâneas para que pedestres atravessem as seis pistas sem interromper o fluxo dos carros. Aos domingos e feriados, a via é fechada para automóveis e dá espaço a skates, patins, bicicletas, amigos e famílias que aproveitam o espaço para se exercitar. O chamado “Eixão do Lazer” acontece tradicionalmente das 6h às 18h.

L2

A avenida é cercada pelas superquadras 400 de um lado e prédios institucionais de outro, principalmente igrejas, escolas e clínicas médicas. O fluxo rodoviário é intenso durante o dia, mas por não ser uma zona comercial, não concentra muitos pedestres.

L4

Percorre a cidade entre os setores de embaixadas e os de clubes esportivos, passando também pelos fundos do *campus* da Universidade de Brasília. É a principal conexão da cidade com as pontes que cruzam o Lago Paranoá, permitindo uma das melhores vistas de Brasília a quem passeia de carro pela região.



**Brasília é
Gregária**



Escala Gregária

Centro. Convergência. Encontro. A escala gregária é onde tudo e todos se concentram. Com caráter especialmente comercial, é composta por agências bancárias, consultórios, hotéis e centros de diversão. É própria da interação entre as pessoas e nasce do encontro dos dois principais eixos da cidade: o Monumental e o Rodoviário. O espaço distingue-se dos centros urbanos tradicionais. Aqui o centro não é

a praça da igreja, nem a praça cívica. Com o pensamento sempre voltado para o automóvel, o símbolo do coração de Brasília é a Plataforma Rodoviária.

A Rodô é elevada, de forma a não interromper o fluxo de trânsito nas duas principais vias da cidade. Recebe a estação central do metrô, o BRT e os ônibus que conectam o Plano Piloto às demais regiões do Distrito Federal. Aproximada-

O que você encontra aqui



Gregário: diz-se dos animais que vivem em bandos ou em grupos; tendência que leva os homens a se juntarem; que é próprio das multidões; instinto de se agregar.



mente 800 mil pessoas passam por aqui diariamente. Nos planos originais de Lucio Costa, a Rodoviária seria um espaço cosmopolita e requintado. Não foi. A Rodoviária é o encontro forçado entre a população burguesa e a gente da periferia, o que não entristeceu Lucio. “Foi o Brasil de verdade que tomou conta da área e isso deu uma força enorme à capital.”

No piso superior, está a livraria entre vendedores ambulantes e outros quiosques. No térreo, aquela que é a representação gastronômica mais simbólica da cidade: a Pastelaria Viçosa. Inaugurada antes da capital, em 1957, a pastelaria é reduto de histórias comuns e ilustres. Conta-se que Dona

Sarah Kubitscheck buscava ali o lanche de fim de dia do presidente Juscelino. A pedida certa no centro da cidade, todos já sabem: pastel com caldo de cana. Enquanto aguarda o próximo ônibus, aproveite para ouvir a Rádio Rodoviária, ao vivo de 7h às 21h.

A Rodoviária é abraçada pelos setores que formam a Escala Gregária, como o Setor de Autarquias, o Bancário, Hoteleiro, Comercial, Setor de Rádio e TV, entre outros. Cada um com sua função, todos os setores da Asa Norte são replicados na Asa Sul. Alguns são tão únicos que abandonaram a categoria e ganharam nome próprio. É o caso dos setores de Diversões Sul e Norte, que se tornaram íntimos dos brasilienses pela alcunha

de Conic e Conjunto Nacional, respectivamente. Esse último é o segundo shopping mais antigo do país e talvez o mais popular e querido da cidade. Seu paredão externo é formado por painéis luminosos com a logomarca das lojas. As fotografias antigas da fachada são uma verdadeira viagem pela estética e o design publicitário.

A vista é o principal atrativo da plataforma superior da Rodoviária. De um lado a Torre de TV, do outro a Esplanada dos Mi-


nistérios. A região é brindada com outros prédios que valem a fotografia. O Teatro Nacional Claudio Santoro está logo ali, mais adiante é possível enquadrar outros dois símbolos da arquitetura e do funcionalismo público na cidade: a matriz da Caixa Econômica Federal, gigantesco cilindro de concreto ornamentado por um conjunto de 24 vitrais; e o Banco Central, cujo formato geométrico foi reproduzido até mesmo em sua logomarca.





Exterior

Presidenta da Argentina, Cristina Kirchner volta à cena pública após afastamento por infecção no cólon



Linhas	Destino	Fare
0.143	SAAR / RCG	E 08
0.179	2 SUL	E 12
0.176	AVENIDAS WS - L	E 13



Relíquia nacional

Espaço único no centro da cidade sobrevive com dedicação e amor ao cinema

Na entrada, o letreiro em neon é o portal de viagem no tempo. O atendente cumprimenta: “Boa noite! Por gentileza, desligue os faróis”. Carro estacionado, é a hora de sintonizar na rádio. Outros veículos se acomodam em fileira. Um sinal de farolete e lá vem a garçonete. “Uma pipoca grande e duas cocas, por favor.” As crianças procuram a melhor visão. “Shhh! Vai começar!” A imagem é projetada na maior tela cinematográfica do país.

O Cine Drive-in é o único sobrevivente do estilo em todo o Brasil. Inaugurado em 1973, ele resiste no centro da cidade, apertado entre o Autódromo e o Estádio

Mané Garrincha. O cinema ao ar livre tem capacidade para 400 carros e é inspirado no sucesso americano da década de 1950. É frequentado especialmente por casais e famílias. Aqui não é preciso ficar dentro do automóvel. No ambiente informal, alguns trazem as próprias cadeiras, outros montam espaços aconchegantes no porta-malas, crianças sentam-se sobre o teto dos carros.

Nas últimas quatro décadas, o cinema foi esquecido e lembrado pelos brasileiros. Poucos são frequentadores assíduos, mas muitos vêm revisitar as memórias de infância e compartilhar o momento com



a nova geração. “É a primeira vez que venho. Meu pai quis fazer uma surpresa e passei o caminho todo tentando adivinhar”, conta Henrique Macêdo, 12 anos. “Para pedir batata frita é só fazer um sinal com o farol, mas o som eu não sei; deve vir daquela salinha.” O pai, Marcos, queria que Henrique tivesse uma noção melhor dos atrativos da cidade. “Tem tantas coisas para fazer, mas a gente nunca tem tempo.”

Os irmãos Elaine, 36 anos, e Julio Tatugawa, 38, relembram que vieram ao cinema pela última vez quando ainda eram crianças. “Era a estreia do ET, em 1982” conta Julio “vimos com a mamãe”. Dessa vez, eles trouxeram os filhos. “É bem mais legal que o cine-

ma normal. Lá a sala é muito fria, aqui é ao ar livre”, opina o pequeno Mateus, filho de Julio. “Eu sempre tive vontade de voltar, mas se passaram muitos anos. Eu sou do tempo em que o sonzinho era posto na janela!”, recorda Elaine. Antigamente, era preciso estacionar próximo às caixinhas de som. Mas desde 1984 é possível acompanhar o áudio do filme pela FM 88,7.

A receita de sobrevivência em meio à explosão de salas cinematográficas em shoppings é muita dedicação, amizade e amor pelo cinema. A proprietária Marta Fagundes, 54 anos, conta que cresceu dentro do Drive-in. “Meu pai trabalhava para o cinema, e eu ajudava distribuindo balões na entrada.”

Em 1988, a família do presidente Figueiredo, então dona do empreendimento, voltava para o Rio de Janeiro e resolvera fechar a casa. “Decidi que precisava comprar o cinema. Fiz uma lista de todo o mobiliário e propus um preço”, conta Marta.

Desde então, ela vive por conta do cinema. “Faço as compras da cozinha, marco o filme e atendo na lanchonete.” A família e amigos também são parte da equipe. “A minha filha faz um pouco de tudo. A operadora de projetor mora atrás da tela, o esposo é garçom e o filho é bilheteiro. As pessoas se apegam e ficam por aqui muitos anos.” Todos trabalham em outro local durante o dia para completar a renda. A Marta mesmo é nutricionista.

Ela conta que o faturamento do Drive-in é incerto. “A gente recebe em média 5 mil pessoas por mês, mas oscila muito. Na temporada de chuva as pessoas não vêm. No horário de verão, eu perco uma sessão por dia, por causa da claridade.”

O sentimento da equipe de funcionários é realmente de paixão. Marisa Pereira, operadora do projetor, diz que não gosta de trabalhar no Drive-in: “Eu amo”. Durante o dia, ela é cozinheira em uma escola. Piauiense, 49 anos, veio para Brasília para ser empregada doméstica. “Operadora foi meu primeiro emprego de verdade e eu me apaixonei pelo cinema desde o início.” Ela conta que a diferença de trabalhar no Cine Drive-in é o contato com

o público. “Aqui não tem frescura, as pessoas vêm à cabine para entender como funciona e conversam com a gente.”

Mesmo sendo uma pessoa de formação simples, há quase duas décadas trabalhando com o projetor, Marisa é uma verdadeira conhecedora do cinema. Ela conta que precisa assistir ao filme antes da estreia para verificar a qualidade da película. “Eu gosto de tudo um pouco e já assisti muito filme bom.” Entre as produções que mais a marcaram, ela cita os americanos Cidade dos anjos e Sociedade dos poetas mortos, além do iraniano Gabbah. Em matéria de efeitos especiais, ela não hesita: “Titanic! Nessa tela aqui, parecia que a gente ia afundar junto!”

Cine Drive-in



Área Especial do
Autódromo Nelson Piquet
Ingressos: R\$ 20 (inteira)
Segunda - Domingo, três
sessões diárias a partir
das 18h30

* a primeira sessão é,
geralmente, infantil

O charme da decadência

Berço da cultura underground de Brasília, o Conic é um inferninho na cidade planejada

A fachada principal com butiques e café gourmet pode enganar, mas o segredo está na parte de dentro. Estúdios de tatuagem e piercing são vizinhos de óticas e botecos onde idosos jogam dominó. O sex shop faz divisa com a livraria religiosa. Paredes grafitadas e uma Igreja Universal. Os frequentadores são skatistas, mendigos, prostitutas, artistas, trabalhadores, gente. O Conic é o lugar que não vai estar no guia turístico. O lugar que seu amigo não vai lhe recomendar. O lugar a que você não pode deixar de ir.

O artista plástico, poeta e ator Nonato Dente de Ouro, ou simplesmente Natinho,

é uma das figuras mais ativas na cena cultural do Conic e defende que essa faceta é a que torna o espaço singular. “O Conic tem que ser do jeito que ele é: um centro antigo que sempre vai carregar o asco de ser o centro. Mas esse é o forte dele.”

O nome oficial é Setor de Diversões Sul, um conjunto de 15 edifícios comerciais com 2 mil lojas. Os prédios foram erguidos pela construtora Conic em 1967 e o apelido ficou. A localização privilegiada, ao lado da Rodoviária, fez do espaço um dos lugares mais movimentados de Brasília logo de cara. Na década de 1970, era ocupado por funcionários de embaixadas,



**“Essa molecada já
vai crescer com a
cultura do Conic.
Isso aqui é a
cara de Brasília.”**

Moab Cavalcanti,
serigrafista



contava com livrarias, cafés e chegou a ter oito cinemas. Com o tempo, o espaço foi esquecido. As lojas fecharam, os cinemas se transformaram em igrejas e atrações pornô e o lugar ganhou ares de centro histórico.

A veia artística, entretanto, não se perdeu. A desvalorização do aluguel permitiu a instalação de artistas independentes que hoje formam o caldeirão cultural do Conic, berço da cultura underground de Brasília. São lojas de artigos gospel, discos, skates, roupas, instrumentos musicais, livrarias, salões de beleza afro e muitos outros. “É o lugar com a maior diversidade de tribos na cidade”, afirma Vlad Thepes. E ele sabe bem sobre aceitação, já que há cinco anos aumentou

os dentes caninos com resina, assumiu o personagem de vampiro vitoriano e atende os clientes da Berlim Discos vestido a caráter.

Compras

Ainda que não contasse com a presença vampíresca de Vlad, a Berlim Discos já é parada obrigatória. A loja funciona há mais de 25 anos no mesmo endereço e é ponto de encontro dos amantes de rock e heavy metal. Reinaldo Freitas, que começou negociando a própria coleção de discos, trocou o serviço público pela paixão pela música e está à frente dos negócios desde então. Ele conta que, surpreendentemente, hoje a principal procura é pelo vinil. Um paraíso para os colecionadores.

O carro-chefe comercial do Conic, entretanto, são as camisetas. A história da serigrafia brasiliense passa pelas mãos e mente de Natinho. Com 51 anos, muitas tatuagens e cabelo rastafari, sua arte gráfica já circulou por Japão, Itália, Espanha e Estados Unidos. Nascido em Crateús, Ceará, se mudou para Brasília em 1970. Em 1979, já vendia camisetas, pendurando um varal na porta de shows. “O Conic sempre foi um ponto de convivência para as pessoas se manifestarem, um palco aberto. Antes das camisetas, eu já passava por ali com o teatro e com a manifestação”, conta.

A primeira loja que Natinho abriu no Conic foi a Kingdom Comics, em 1996. De lá para cá, ele participou da criação de

quase todas as demais marcas que podem ser encontradas ali. As camisetas atendem a públicos diferentes, com estampas de personalidades brasileiras e internacionais, passando por literatura, música e esportes, um verdadeiro grito cultural. A Kingdom Comics é do segmento geek e também vende quadrinhos. A Negro Blue e a Kingdom Black atendem o segmento de cultura negra. Já a Verdurão ficou famosa pelas estampas que homenageiam Brasília.

O gerente João Paulo Chagas, 32 anos, explica que são coisas exclusivas da capital, como aspectos arquitetônicos ou marcas do vocabulário da cidade. “É um presente de brasiliense para brasiliense”, justifica. Mas a ideia ganhou o público turista também.



Ele mostra entre algumas estampas as suas prediletas, como uma árvore formada por radares de trânsito com a legenda “pardal” e outra que leva a letra da canção Faroeste caboclo: “Estou indo pra Brasília, nesse país lugar melhor não há”.

Eventos e teatro

Os estabelecimentos são mais do que comércios, são representantes da cultura daquelas tribos. Por isso, ainda que você não pretenda fazer compras, vale a pena passar e prestigiar os eventos locais. As lojas Fun House e Da Bomb promovem campeonatos de skate, batalhas de MCs e duelos de b-boys no segundo sábado de cada mês.

As apresentações são gratuitas, ao ar livre e reúnem pessoas de todas as idades. Moab Cavalcanti, 44 anos, sócio da Kingdom Black, acredita que os eventos revitalizam o espaço e difundem a cultura local. “Essa molecada já vai crescer com a cultura do Conic. Isso aqui é a cara de Brasília.”

O Conic também é a casa da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, uma das maiores damas do teatro nacional. A atriz mudou-se para Brasília a convite do presidente JK e escolheu o Conic como sede da Fundação Brasileira de Teatro. A escola ocupa cinco andares e conta com dois teatros e galeria de arte. A situação atual é

similar à do Conic, de sobrevivência. A escola passa por dificuldades, os próprios alunos fazem a limpeza do teatro e convivem com a falta de professores. Mas os espetáculos fazem parte do cotidiano do local e os preços são acessíveis.

Setor de Diversões Sul – Conic



Plataforma da
Rodoviária, sentido sul
Segunda a sábado, 8h
às 19h



Cultura ao alcance de todos

Órgãos públicos oferecem opções artísticas diversificadas e gratuitas

Brasília não é forte referência em museus e galerias de arte. Mas a condição de capital trouxe à cidade opções únicas, como os espaços culturais de órgãos públicos. São exposições sobre o funcionamento de algumas instituições estatais fundamentais no nosso cotidiano, além de teatro, shows e galerias de arte com entrada gratuita ou a preços simbólicos. As atrações atendem todas as idades e muitas vezes há ainda programação especial para crianças.

Museu de Valores

Essa é uma grande oportunidade de conferir de perto a arquitetura marcante

da imponente sede do Banco Central. O museu funciona desde 1972 no primeiro subsolo do prédio, com cinco salas e 34 mil peças em exposição. Delmara Novak, 44 anos, veio de Curitiba e decidiu visitar o espaço com os filhos por indicação de uma colega da cidade. Ela gostou especialmente da disposição cronológica, que conta a história do Brasil por meio da moeda. A filha Fernanda, 13 anos, se interessou mais pela seção estrangeira: “Eu vi muitas notas antigas de países que nunca ouvi falar antes.”

Esse é de fato um dos pontos altos da coleção. São 50 peças de outros países, tra-



maior valor do padrão

6



zidas por chefes de Estado que visitaram o Brasil ou até mesmo adquiridas em situações inesperadas. É o caso da nota de 500 dólares americanos. A monitora de visitação Rayane Ribeiro, 23 anos, explica que a nota é válida, mas raríssima nos Estados Unidos porque foi retirada de circulação em 1969. “O exemplar foi apreendido no Brasil em uma operação da Polícia Federal há dois anos e desde então faz parte do acervo do museu.”

Outros destaques são cédulas em formatos incomuns como faca, chave e chapéu, além da menor e a maior moeda do mundo. Já a peça mais valiosa do acervo é brasileira: um dos 64 exemplares da moeda confeccionada em 1822 em homena-

gem à coroação de Dom Pedro I. O museu também conta com a maior pepita de ouro em exposição no planeta, com 60,8 kg.

No caso de atendimento às crianças, o roteiro é lúdico e didático, com assimilações mais fáceis para conceitos complicados como inflação, juros e banco. O professor de matemática Marco Antonio trouxe os alunos de 11 a 13 anos para conferir a exposição. “Sempre que o aluno sai de sala de aula e vai a campo é enriquecedor para o ensino”, defende. Ele pretende relacionar a visita com problemas matemáticos em sala de aula, mas acredita que o passeio pode facilmente ser direcionado para outras disciplinas, como história, geografia, ciências e artes.

Para aqueles que preferem artes plásticas, há ainda uma galeria no 8º andar. As exposições são rotativas, com peças do acervo do Banco Central e incluem telas de Volpi, Picasso e Tarsila do Amaral.

Museu Correios

A sede funciona desde 1980 em Brasília e reúne o acervo dos antigos museus Telegráfico e Postal, que datam do século XIX. O objetivo é preservar a memória dos mais de 350 anos de serviços no Brasil. A exposição postal conta a história do país através de cartas, documentos, malas, carimbos e outros; enquanto a mostra telegráfica traz cabos submarinos e aparelhos telegráficos de diferentes épocas. A ênfase

da coleção é a [filatelia](#) nacional e internacional, o que torna a parada obrigatória para colecionadores. No total, são mais de um milhão de peças em exposição, mas o destaque é com certeza a primeira carta enviada do Brasil, escrita por Pero Vaz de Caminha.

Atrações culturais variadas nos campos das artes, música e cinema acontecem ao longo do ano. Durante o último semestre, o museu promoveu cineclube dedicado à filmografia nacional, exposição em comemoração do centenário de Dorival Caymmi, mostra interativa do artista Marc Chagall sobre as fábulas de La Fontaine e exposição dos principais pintores modernistas brasileiros tendo como fio condutor cartas troca-

das entre os artistas e o escritor Mário de Andrade.

Caixa Cultural

Este foi o primeiro espaço cultural da Caixa Econômica Federal a ser inaugurado no país, em 1980. Hoje são cinco galerias, um teatro com capacidade para 406 pessoas além de outras instalações dedicadas à promoção artística. O gerente Marcelo Moreira explica que o espaço recebe aproximadamente 70 atrações por ano, entre artes visuais, cinema, teatro, dança e música. As atividades nas galerias são sempre gratuitas, já as apresentações teatrais e concertos custam, no máximo, R\$ 20 no preço integral. Por isso, estando na cidade, é possível conferir a programação e ter uma noite cultural por R\$ 4.

Filatelia: estudo e coleção de selos postais, é considerado um dos hobbies mais antigos e com mais adeptos no mundo.

As atrações são selecionadas por edital público e geralmente de artistas renomados. Já passaram pela Caixa exposições de Portinari, Salvador Dalí, Miró e Picasso. Durante a visita, é possível ser guiado por monitores do projeto Gente Arteira. A iniciativa é dedicada, especialmente, a escolas públicas ou instituições de caridade e conta com a presença de arte-educadores que ajudam na introdução e contemplação das peças expostas. Mesmo sem visita agendada, caso o monitor esteja livre, ele também pode acompanhá-lo.

O professor de arte e monitor de visita Emerson Ferreira, 31 anos, acredita que o trabalho é gratificante. “Você vê aquele olho brilhando de um menino que está despertando para a arte. Daqui a cinco ou dez anos ele vai lembrar que veio aqui.” Emerson conta de uma senhora de 70 anos que chorou ao ouvir sobre Sherazade, personagem que fugiu da pena de morte contando histórias. “Ela disse: mesmo sendo ficção, a gente vê como um livro, um conhecimento, pode mudar a vida das pessoas.”



Museu de Valores



SBS Quadra 3, Bloco
B – 1º Subsolo, Banco
Central
Terça – Sexta, de 10h às
18h
Entrada franca

Museu Correios



SCS Quadra 4, Bloco A,
nº 256, Ed. Apolo
Terça – Sexta, de 10h às
19h
Sábados, domingos e
feriados, de 12h às 18h
Entrada franca

Caixa Cultural



SBS Quadra 4, Lotes 3/4
– Anexo
Terça – Domingo, de 9h
às 21h
Galerias: entrada franca;
shows e teatro: ver
programação

Brasília é Residencial





Escala Residencial

A Escala Residencial equivale às próprias asas do avião. A função é, claramente, habitacional. Trata-se de uma formação contínua e repetitiva de mais de 120 quadras residenciais. É também a parte que, em outras cidades, geralmente não se visita a fins turísticos. Mas, em Brasília, é um setor primordial para compreensão dos costumes e estilo de vida local. As superquadras de Lucio Costa são um verdadei-

ro experimento urbanístico, um conceito de moradia sem precedentes, que molda as relações pessoais do brasiliense.

No projeto original, a superquadra deveria ser composta de 11 edifícios residenciais de no máximo seis andares com [pilotis](#), garantindo que a circulação no térreo seja livre. O que significa, nas palavras do criador, que o chão é público. “Os moradores pertencem à quadra, mas a quadra não lhes pertence” e é

○ que você encontra aqui



Pilotis: sistema construtivo que eleva a edificação com colunas deixando livre o pavimento térreo; característica fundamental da arquitetura moderna do século XX, um dos cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier.



esta a grande diferença entre superquadra e condomínio”, afirma Lucio Costa. Não há cercas, nem grades, apenas a liberdade de ir e vir.

A paisagem é recoberta de verde, a arborização é intensa e resguarda a função residencial do espaço. É como se o morador estivesse a salvo da correria da cidade grande. A copa das árvores e a similaridade dos prédios dão ao visitante a falsa impressão de estar sempre no mesmo lugar. Impossível. Cada superquadra é única. O brasileiro sabe bem a diferença entre as 100 e as 400, inclusive de classe.

Há também forte diferença entre Asa Sul e Norte. A primeira é mais antiga, os prédios expiram arquitetura modernis-

ta e são mais estreitos. Na Asa Norte, os blocos têm expressão contemporânea, excesso de vidro, cor e varandas. Mas não acaba por aí. A Asa Sul é a aristocrática, a Asa Norte é emergente. Restaurantes clássicos, procure no sul. Cafés descolados, vá para o norte. A proximidade com a Universidade de Brasília é determinante na Asa Norte, com estabelecimentos mais diversificados, brechós, intervenções e arte urbana.

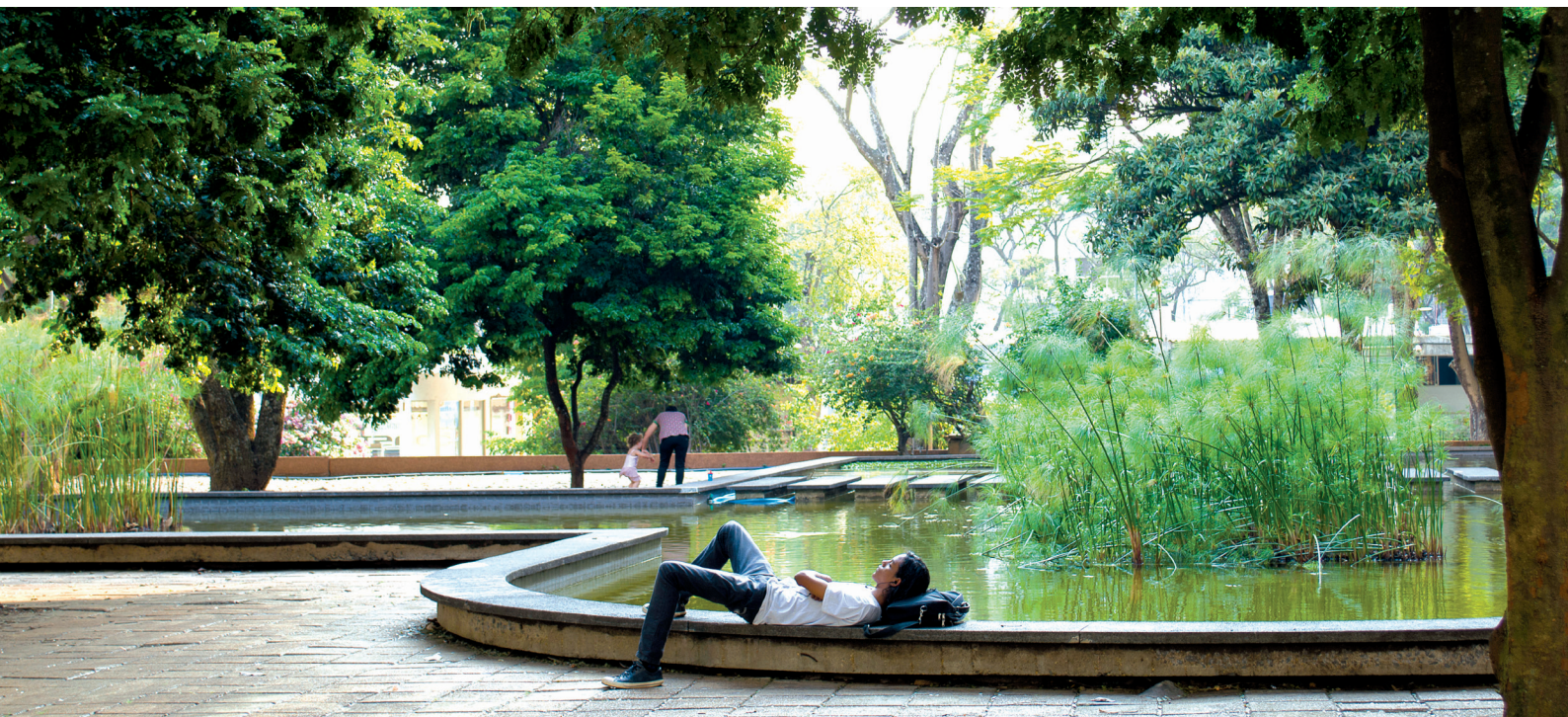
E eu com isso?

A própria realização arquitetônica já vale como desculpa para descobrir a Escala Residencial. Mas é aqui que o morador passeia, bebe, come, compra. Entre duas quadras residenciais há sempre uma

rua de comércio local, de maneira que os serviços estejam sempre próximos do morador, mas não próximos o suficiente para invadir seu espaço de moradia.

Na concepção original do urbanista, os estabelecimentos seriam mercearia, far-

mácia, padaria. Na intervenção cotidiana do morador, os espaços foram ocupados por grandes restaurantes, os melhores bares, cafés e butiques. A vida brasileira está aqui. E você não está em Brasília se não estiver na superquadra.





A vida em blocos

Em Brasília, a concepção arquitetônica modernista transforma os espaços residenciais em uma atração à parte

O plano de Lucio Costa para Brasília era um espaço de convivência social entre classes, que permitisse o mesmo estilo de vida a todos os moradores. Uma utopia, é verdade. Mas apesar de a desigualdade entre Brasília e as demais cidades do Distrito Federal ser brutal, os moradores do Plano Piloto partilham um padrão de vida semelhante e de alta qualidade. Muito disso se deve aos rabiscos urbanos experimentais de Lucio, que padronizam o espaço residencial da cidade no conceito conhecido como superquadra (ver quadro).

Para ver o ápice da experimentação de Lucio Costa, é preciso visitar a SQS 308,

conhecida como superquadra modelo. O projeto urbano é assinado pelo próprio. Athos Bulcão está nos azulejos da Igreja de Nossa Senhora, Niemeyer projetou a Escola Classe e Burle Marx despejou ali o melhor de seu paisagismo. Mesmo para os brasilienses, a forma é surpreendente. “Parece que eu estou em um mundo encantado”, afirma o privilegiado Ylian Miranda, nascido e crescido no bloco G da 308 sul.

Em Brasília, as pessoas vivem em blocos. Esse é o apelido local que se dá aos prédios. As unidades de vizinhança formam um pequeno bairro em que o morador pode encontrar aparelhamento público,



Bloco

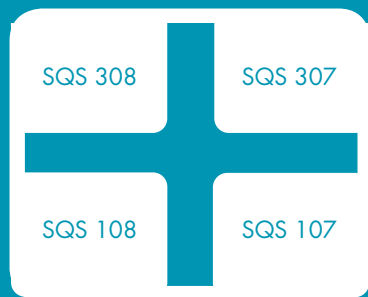
Sinônimo de prédio, pode ter entre três e seis andares

Superquadra

Conjunto de onze blocos, entre duas superquadras há sempre uma rua comercial

Unidade de vizinhança

Grupo de quatro superquadras com aparelhamento público



como escolas básicas, posto de saúde, biblioteca, igreja, clube desportivo, cinema e igrejas. Dessa forma, as atividades mais cotidianas são gratuitas e estão espalhadas em cada comunidade e não concentradas em um centro. É uma forma de afastar o caos e incentivar a convivência. O clube desportivo e o cinema são privilégio da SQS 308, única quadra em que o planejamento foi completo.

Ylian foi batizado na Igrejinha, estudou na Escola Classe e sempre frequentou o Cine Brasília. Ainda visita diariamente a biblioteca pública e compra jornal na banca do Seu Lourival, a mais antiga da cidade. É um apaixonado pela superquadra. Professor de história, estudava a sociologia da formação resi-

dencial desde a faculdade. Ele compartilha algumas memórias. “Seu Antônio, porteiro do bloco H, vigiava enquanto eu fazia o caminho para a escola. Minha irmã se casou ali na Igrejinha.”

O sentimento de cidade pequena também é planejado. “Em outras cidades, você desce do seu prédio e cai na rua, em Brasília você tem que andar um pouquinho, você está numa atmosfera com árvores”, explica Gabriela Bandeira, 24 anos, designer e moradora apaixonada de Brasília. As vias principais se recortam para alcançar os blocos e a velocidade dos carros diminui naturalmente. “Você se sente seguro em uma quadra que é aberta, porque está resguardado do movimento e do trânsito”, explica Ylian.

Como os prédios são suspensos, a circulação é livre. Pedestres cruzam pilotis alheios cotidianamente, porque o alheio é na verdade público. Aqui o térreo é calçada. O estacionamento é público. Entre os mais jovens, é natural passar algumas horas da tarde sentado e conversando debaixo do bloco de terceiros. “Toda grade que você vê em Brasília, ela foi imposta”, afirma Ylian. Ele acredita que compreender a concepção do espaço público é o primeiro passo para gostar da cidade. “Você tem que entender a ideia para começar a aproveitar.”

Árvores frutíferas

Morar na superquadra é como ter um pomar público. A área verde é extensa e existem árvores

frutíferas em todas as quadras. Quando Gabriela estava terminando a faculdade de arquitetura em 2013, parte de seu trabalho final foi catalogar espécies frutíferas. “Comecei pedindo informação para outros moradores e descobri que as pessoas têm uma relação afetiva com as árvores.” Isso se deve muito ao fato de que o paisagismo da cidade não foi sistematizado e a maior parte das árvores foi plantada pelos próprios moradores.

De fato, as pessoas colhem as frutas do pé. “Eu cresci em uma casa e sempre colhia frutas do meu quintal, mas não achava que isso acontecesse aqui nos apartamentos”, relata Gabriela, surpresa. Em seu trabalho, ela destacou oito espécies principais, que são as mais encontradas: jamelão,

manga, jaca, limão, goiaba, pitanga, abacate e cagaita. Mas ela relembra muitas outras, como jambo, jabuticaba e amora.

Superquadra Modelo

SQS 308



O espaço é público e aberto, mas pode ser melhor explorado com a luz do dia. Veja os azulejos de Athos Bulcão na Igrejinha de Nossa Senhora na 308/307; atravesse a ponte que cruza o laguinho de carpas de Burle Marx em frente ao bloco F, e tome água de coco na Banca do Seu Lourival SQS 108, atrás do portal de arbustos.

Brasília no garfo

Alta gastronomia, tradição ou opções de rua fazem parte da variedade culinária da capital

Brasília tem forte potencial gastronômico, restaurantes variados atendem à culinária nacional e internacional. Para economizar, são diversas as opções de rua. Mas para quem não quer correr riscos, mesmo com pouco mais de meio século de vida, a cidade já conta com medalhões, aqueles estabelecimentos tradicionais e queridos pelos moradores.

O caso mais famoso é o Beirute. O espaço foi inaugurado em 1966 por dois libaneses, a quem se deve a forte influência árabe no cardápio. Dois anos depois, o estabelecimento estava prestes a fechar as portas, quando dois garçons da casa re-

solveram comprar o espaço. Essa é a história de Chiquinho, Bartô e do bar mais antigo e famoso de Brasília. O segredo do sucesso? “Dedicação e respeito à clientela” explica Chiquinho “em comércio a gente não discute política, religião, futebol e sexo”.

O Beirute não é um bar gay, mas é reconhecido por ser frequentado pelo público LGBT. “Foi um dos primeiros lugares em Brasília em que uma mulher poderia beber sozinha, o primeiro lugar a dar espaço para a liberdade sexual”, explica Eliane Costa, 42 anos, 23 de Beirute. Ela conta que, quando jovem, era seu lugar favorito para assis-



BEIRUTE

RESTAURANTE *48 Años*
DESDE 1966



tir a apresentações artísticas e para paquerar. “Hoje é o lugar onde eu trago os meus filhos. Aqui tem gente de todas as idades. A cerveja é sempre gelada e o cardápio é todo bom.”

Aos 77 anos, Chiquinho está presente todos os dias no Beirute, conversando pessoalmente com os clientes. É de fato o diferencial da casa. O cardápio, que também conta com opções brasileiras, foi construído juntamente com os clientes. Ele fala sobre um jornalista chamado Samuel que sempre pedia filé com arroz. “Um dia ele se cansou e pediu que fizéssemos filé com batata e manteiga. Eu gostei da sugestão e incluí no cardápio com o nome de Samuca.” Desde 2011, é possível provar a cerveja própria

do bar, conhecida como Beira Beer. A ideia também foi sugestão de um cliente.

O espaço é simples, bancos rústicos de madeira e copos de boteco. A clientela pode ser ilustre. “O Renato Russo sempre sentava na mesa 58, também já recebi o presidente Lula e atendi a Rita Lee”, conta Chiquinho. Entre as estrelas do cardápio estão o Kibeirute, quibe recheado com queijo, e o filé à parmegiana. Diabo Verde é a pedida da noite, o drink à base de menta e outros ingredientes secretos é o favorito do público jovem. O Beirute é mais família durante o dia e mais galera durante a noite.

Outro exemplar da tradição brasiliense é o Piantella, esse definitivamente mais requin-





tado. Com quase 40 anos de funcionamento, o restaurante é frequentado especialmente por políticos e foi palco de conversas, brigas e conchavos que determinaram o rumo da democracia brasileira. A Lei da Anistia, a campanha pelas Diretas Já e a própria Constituinte foram discutidas ali na presença de Ulysses Guimarães e outras figuras da época. Não à toa, o slogan da casa é “onde governo e oposição sentam à mesma mesa”.

Uma opção rápida, popular e típica de Brasília é a Pizzaria Dom Bosco. Não se deixe enganar pelo nome, o que de fato existe é um balcão de bar em um corredor apertado. O cliente come em pé e com as mãos, o único sabor disponível é queijo com molho de tomate.

A pizza é vendida em pedaços. Simples ou duplo, quando duas fatias são unidas em formato de sanduíche. O segredo? Deve ter algum. A pizza está sempre quentinha e o cantinho sempre cheio desde 1960. Fica ao lado da superquadra modelo e é uma boa pedida durante o passeio.

Quadras gastronômicas

Algo fantástico em Brasília, ao menos do ponto de vista dos sistemáticos, é a setorização natural que surgiu da ocupação do comércio. No quesito culinária, isso gerou alguns oásis gastronômicos: avenidas repletas de restaurantes com as mais variadas opções nacionais e internacionais. Se você é do tipo que gosta de verificar diferentes possibilidades antes de esco-

lher seu restaurante, alguns endereços são fundamentais.

Reconhecida de fato como a “Rua dos Restaurantes”, a entrequadra 204/205 Sul conta com opções de cozinha alemã, italiana, francesa, asiática, mexicana, bem como brasileira com peixes e frutos do mar. Alguns endereços são refinados e caros, mas o espaço é democrático. Há também fast-foods, creperias e pizzarias. A variedade gastronômica e de preços se repete também em outras quadras como 213/214 Norte, 201/202 Sul e 209/210 Sul.

Comidinhas de rua

Economizar não precisa ser sinônimo de comer porcaria em ambientes duvidosos. Existem muitas opções de rua es-

palhadas pelas superquadras brasilienses, mas algumas são referência. Como o Cachorro- quente do Landi, que funciona há 28 anos na entrada da SQS 405. Ele já foi padeiro e produz todos os ingredientes em casa com a ajuda de três irmãos. “Só compramos fora o queijo e o milho.” A barraquinha não abre aos sábados e só existe um sabor, cachorro-quente tradicional ao molho de tomate. De sobremesa, brigadeiro. Isso só é possível porque a clientela é fiel e o serviço, atencioso. As 64 cadeiras estão sempre lotadas.

Se você procura uma atmosfera um pouco mais aconchegante, deve verificar o Macarrão na Rua. Essa barraquinha acomoda até 50 pessoas e ofe-

rece combinações de massas e molhos caseiros. Tem vinho, decoração à luz de velas e música. No dia 29 de cada mês, há ainda atrações musicais e o nhoque da sorte. A proprietária Carla da Silva conta que os próprios clientes ensinaram a tradição italiana de guardar uma moeda no bolso e comer 12 pedaços de nhoque em pé nessa data.

Beirute



CLS 109 bloco A loja 2*
Horário: 11h às 2h

Piantella



CLS 202 bloco A loja 34
Horário: 12h às 15h e
19h a 1h

Cachorro-quente do Landi



Entrada da SQS 405,
próximo a rotatória
Horário: 17h30 às 23h,
fecha aos sábados

Quadras Gastronômicas



204/205 Sul, 201/202
Sul, 209/210 Sul e
213/214 Norte
Horário: 11h às 23h

Pizzaria Dom Bosco



CLS 107 bloco D loja 20*
Horário: 9h às 23h

Macarrão na Rua



CLN 206,
estacionamento
do bloco D
Horário: 18h às 22h30

* Tanto o Beirute quanto a Dom Bosco já possuem outras lojas na cidade, mas esses são os endereços originais e mais tradicionais.

Indo às compras à moda brasiliense

Na capital, a setorização das lojas favorece quem quer comprar muito e andar pouco

Em Brasília, a setorização foi imposta. Existe um setor para se divertir, um setor para praticar esportes, um setor para bancos e outro para emissoras de televisão. Com o tempo, entretanto, os próprios moradores criaram setorizações espontâneas e dividiram as entrequadras comerciais por atividades específicas. Tão específicas que existe uma “Rua das Elétricas”. Apesar de soar estranho, o conceito parece bem aceito pelos brasilienses e é uma mão na roda para quem quer comparar preços sem precisar andar muito. Então vamos à lista.

Se a procura é por roupas, sapatos, perfumes ou acessórios, a Rua da Moda é pa-

rada certa. São 57 lojas que atendem ao público feminino, masculino e infantil. Já as noivas e madrinhas não vão deixar de passar pela 304/305 Norte, entrequadra que reúne 15 endereços para compra e aluguel de trajes de festa. Mas se o grande dia ainda não estiver perto, dá para passar o tempo em um dos 14 salões de beleza ou quatro centros de estética à disposição.

Os fãs de tecnologia devem se interessar pela Rua da Informática. São 52 endereços voltados para computadores e outros acessórios digitais. Aqui barganhar é lei. Vale a pena visitar diferentes lojas e negociar com os vendedores. Os fanáticos



por futebol também têm o seu espaço. Mesmo com a existência de times locais, a maior parte dos brasilienses ainda torce por clubes de outras regiões. Na Rua dos Times, há lojas oficiais do Botafogo, Fluminense, Palmeiras, Flamengo, Corinthians e Vasco. Os demais torcedores podem recorrer a loja de artigos esportivos Grandes Torcidas.

A passeio pela capital, dificilmente será preciso recorrer à Rua das Elétricas, dos Tecidos ou das Farmácias. Mas em caso de emergência, saiba: elas existem.

Paraíso literário

Um endereço simbólico e querido na cidade é o Sebinho. Tudo começou em 1985, com uma pequena loja de compra e venda de livros usados. Hoje

o Sebinho já ocupa quase um bloco inteiro na comercial da 406 Norte, incluindo o subsolo. É livraria, sebo, café, bistrô e tem wifi grátis. Uma sala para eventos abriga saraus, palestras e exposições. O espaço é simplesmente acolhedor, um convite para se perder por uma tarde ou um dia inteiro.

Em matéria de livro, encontra-se de tudo. “Tem livros que você não acha mais em lojas; mas também um romance que saiu há pouco, você logo encontra aqui com preço mais acessível”, explica Lisandra Scafutto, 45 anos, funcionária pública. Já o estudante de História Matheus Furtado, 22, elogia o acervo acadêmico. “Eu sempre procuro por história da arte e a variedade é grande,





além disso, a seleção do material também é muito boa.”

Outra coisa que Matheus gosta de comprar no Sebinho são jogos de tabuleiro. Isso porque, há cinco anos, o espaço investe também na cultura geek. São infinitos gibis, vídeo games de diferentes épocas, jogos, cartas e artigos colecionáveis. Há também eventos voltados para fãs e, aos sábados, grupos se reúnem para jogar Magic.

Se tudo isso já não fosse motivo suficiente para visitar o Sebinho, os atendentes também são extremamente atenciosos. Eles passam por treinamento para aprender a revitalizar, preservar e arquivar o material. “Eu me vejo como uma ponte entre o leitor e o livro”, afirma Hugo Lacerda, 32 anos, forma-

do em Letras. Ele explica que o melhor de trabalhar no sebo é a oportunidade de ampliar seu universo literário. “Hoje eu leio clássicos, anatomia, política e até infantil.”

Para Hugo, essa é a magia do garimpo. “De tanto procurar livro, a gente aprende sobre edição e tradução. Um dia me perguntaram ‘você tem sobre teofísica?’, eu não sabia o que era, mas aprendi.” Por isso, ajudar os visitantes é um prazer: “Muito do que eu comprei para minha biblioteca foi indicação de clientes. Vale a pena você tirar 15 minutos do seu dia para perguntar o que o outro está lendo.”

Brechós

A Peça Rara é uma rede de brechós que começou em 2007,

é a maior da cidade com quatro lojas espalhadas pelas duas Asas. A maior parte da oferta é para o guarda-roupa feminino, além de muitos acessórios e sapatos. Há também uma larga seção infantil, uma loja exclusiva para o público masculino e outra para móveis e decoração.

Quem compra garante que o diferencial são os produtos limpos e bem cuidados, como se fossem novos. “É tudo muito arrumadinho, fácil de encontrar”, explica Cíntia Rogner, 41 anos. Ela conta que não frequentava brechós até dois anos atrás, quando ficou grávida. “Uma

amiga me mostrou a loja e eu acabei fazendo todo o enxoval do meu neném aqui.” Para quem vende, também é vantagem. A loja faz avaliação das peças, ajuda na determinação do preço e expõe nas araras; se forem vendidas, o fornecedor recebe 50%.



Ruas de Compras



Rua da Moda

304/305 Sul
Roupas, calçados,
acessórios e perfumes

Rua dos Times

308/309 Sul
Lojas oficiais de
clubes brasileiros

Rua das Noivas

304/305 Norte
Trajes de festa,
salões de beleza e
centros de estética

Rua da Informática

207/208 Norte
Computadores e
acessórios digitais

Sebinho



CLN 406 bloco C loja 44
Segunda à sábado,
de 9h às 22h

Peça Rara



CLS 307, CLS 408 e
CLN 204
Brechó com moda infantil,
feminina, masculina, além
de móveis e decoração
Segunda à sexta, de 10h
às 20h
Sábado, de 10h às 18h

Brasília é Bucólica





Escala Bucólica

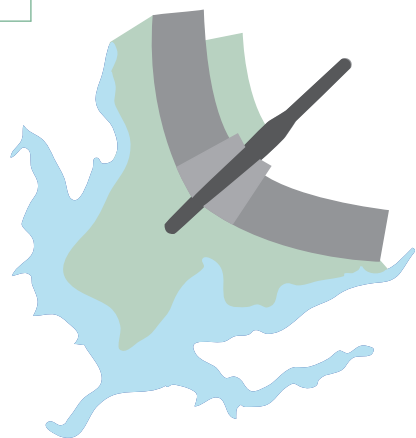
A capital vai ser sempre lembrada pela arquitetura, pela arte moldada em concreto. Mas a cidade é referência também em outra categoria, que passa despercebida por aqueles que não se aventuram por além do Eixo Monumental. Brasília é uma cidade verde, arborizada e que inspira qualidade de vida. Essa faceta equivale à Escala Bucólica, uma escala que permeia todas as demais com bolsões verdes.

Brasília possui a maior média nacional de flora urbana. São 120 m² por habitante. É o triplo da área verde de São Paulo e mais que o dobro do Rio de Janeiro, mesmo incluindo a Floresta da Tijuca. Para se ter uma ideia da grandiosidade ambiental da cidade, a Organização das Nações Unidas considera adequadamente arborizados centros com pelo menos 12 m² de área verde por morador, Brasília

O que você encontra aqui



Bucólico: que se refere aos costumes da vida no campo; que está relacionado à natureza ou ao modo de vida natural



oferece dez vezes mais do que isso. No total, são 150 milhões de metros quadrados de natureza no Distrito Federal, sendo que 5 milhões estão integrados à paisagem urbana do Plano Piloto.

O grande diferencial do verde brasiliense não está apenas na quantidade, mas na distribuição. Quem procura passeios ecológicos, tem opções variadas como o Parque Nacional, Jardim Botânico, Jardim Zoológico, Parque Olhos D'Água e o Parque da Cidade, maior parque urbano do mundo. Mas a verdade é que o morador está sempre em contato com a natureza, graças a mais um conceito de Lucio Costa posto à prova em Brasília: a “cidade-parque”. Essa concepção integra o verde

à área urbana. Os espaços públicos e moradias são preservados por árvores, bosques, praças, o que traz à cidade grande a paisagem de sítio.

Nesse aspecto, Brasília, a Cidade Parque, se diferencia absolutamente do conceito de “cidade-jardim” do urbanista inglês Ebenezer Howard, em que as pessoas convivem harmoniosamente com a natureza dentro das residências com quintais e espaços verdes privados. Em Brasília, assim como todo o resto, o verde também é público.

Outro destaque é a quantidade e a diversidade. São 5 milhões de árvores e mais de 300 espécies apenas dentro do avião. Na Floresta Negra, orgulho da flora alemã,

esse número não ultrapassa 40. Além das árvores frutíferas, existem ainda jacarandás, flamboyants, buganvílias e os famosos ipês. Como a floração das espécies acon-

tece em períodos diferentes, isso garante que o brasiliense esteja rodeado de flores durante todo o ano — uma privilegiada arquitetura natural.





Longe do mar, mas perto do céu

Uma das maiores atrações de Brasília é de graça e abre todos os dias

Onze em dez brasilienses amam o céu da cidade. Há quem diga “o céu é o mesmo em qualquer lugar do mundo”, mas esse alguém deve ter viajado pouco. A capital não é a cidade com mais dias de sol durante o ano, mas é com certeza o cantinho do Brasil onde você se sente mais perto do céu. Fato cientificamente explicado pelos mais de mil metros de altitude.

A localização geográfica privilegiada, em meio a planícies e sem montanhas, permite que o céu seja visto de forma mais ampla e traz a sensação de horizonte infinito. A arquitetura, essa rainha, também faz sua parte. Os prédios baixos, as avenidas largas, os espaçamentos entre as edificações

e amplitude de vazios podem não ser o seu estilo urbano preferido, mas contribuem para que o céu seja visto de qualquer canto da cidade. Assim, todo espaço é em si um mirante. Toda vista é privilegiada.

Não existe época ruim, mas existe época espetacular. No período de estiagem, as nuvens se afastam e o azul é intenso. Entre maio e setembro, a possibilidade de chuva é 0%. Em agosto, no auge da seca, o pôr do sol é acompanhado por tons alaranjados, vermelhos, róseos, roxos. Um jogo de cores e luzes.

A praia mais próxima da capital fica a mais de mil quilômetros de distância. Quem sente falta disso, não sei. Como bem assinalou Lucio Costa: “O céu é o mar de Brasília”.















Na beira

Orla do Lago Paranoá é recheada de atrações culturais, esportivas e muita festa

O Lago Paranoá está para Brasília como a Lagoa da Pampulha está para Belo Horizonte, só que quatro vezes maior. Uma curiosidade é que o lago é artificial e foi construído antes da cidade com o intuito de amenizar o clima seco. A orla de aproximadamente 80 km está ao longo de todo o avião. No projeto original de Lucio Costa, evitou-se a instalação de residências nas proximidades do lago, para preservar a paisagem natural e dar lugar a clubes de convivência coletiva. Hoje poucos espaços são de fato de circulação pública. Ainda assim, a oferta de atividades com vista para a água é grande, com opções de res-

taurantes, compras e lazer aquático entre várias faixas de preço.

Paisagem, gastronomia e compras

O Pontão do Lago Sul é hoje o lugar mais frequentado e famoso do estilo. O empreendimento é privado, mas o espaço é público e um verdadeiro cartão-postal. Por ali, é comum se deparar com noivas fazendo ensaios fotográficos. São seis restaurantes, além de cafés, bares e um antiquário. As professoras Eunice França e Marineide Sousa decidiram almoçar na beira do lago e depois tirar a tarde para descansar na grama. “Só de ter essa vista, já dá para espantar o estresse. É



um lugar para conversar, passar o tempo e estar em contato com a natureza”, diz Eunice.

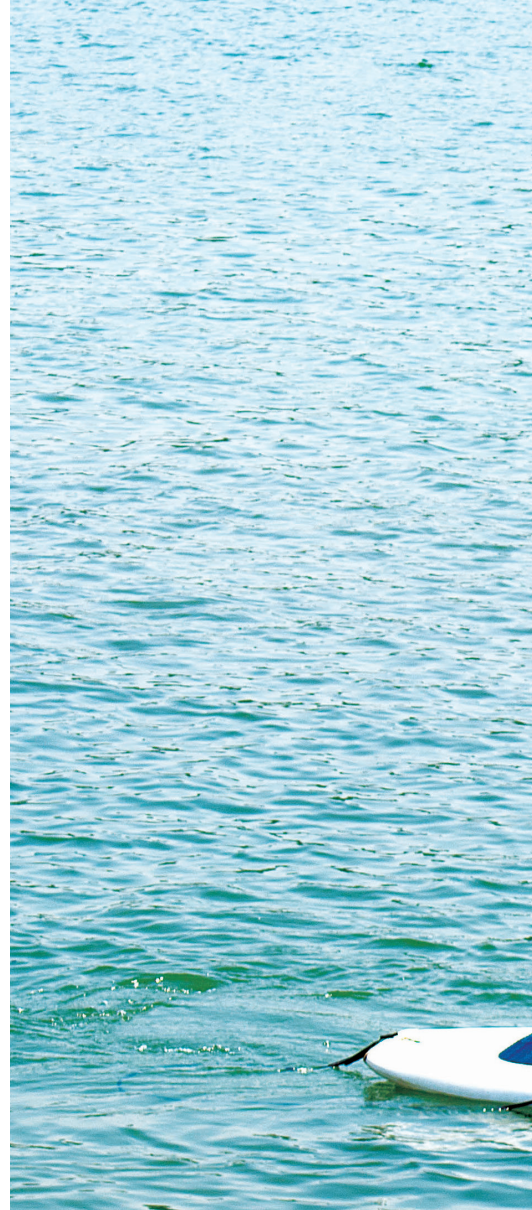
As opções gastronômicas não são das mais baratas. Mas, quem quiser economizar, pode ficar por conta da vista. Lanchas, wakeboard e windsurf compõem a paisagem. No setor de clubes, logo em frente, estabelecimentos oferecem passeios turísticos com parada no Pontão do Lago Sul, festas a bordo ou aluguel de lanchas. Apesar de não ser litorânea, Brasília já conta com mais de 11 mil embarcações, a terceira maior frota náutica do país.

De frente para o Pontão, está também o shopping Pier 21. Com muitas lojas, bares, restaurantes e cinema, a arquitetura transmite a sensação de espaço ao livre. A maior parte da praça de ali-

mentação é aberta e com vista para o lago.

Esporte e pescaria

Na outra asa do avião, o Pier do Lago Norte é uma opção mais democrática, por causa do acesso com transporte coletivo. Por isso, é comum encontrar principalmente pessoas de outras cidades do Distrito Federal. Cleidnar Lopes, 38 anos, mora no Gama e gosta de trazer os filhos aos finais de semana. “É bom porque os meninos podem brincar um pouco, nadar, e é de graça”, explica. Mas quem é de Brasília também aproveita. Laura Xavier, 19 anos, mora na Asa Sul e se diz frequentadora assídua. “Sempre venho com os amigos da faculdade. O que a gente mais gosta é de cair na água e pegar sol.”





O calçadão de madeira tem 2 km de extensão e pouca sombra. Atividades como caiaque, stand-up paddle e pedalinho funcionam todos os dias e custam a partir de R\$ 10. Também há aqueles que vêm para pescar. Desde a despoluição do Lago Paranoá em 2000, é possível encontrar espécies como tilápia, tucunaré, lambari e traíra. Outro ponto de pescaria é a Ermida Dom Bosco. O parque ecológico também oferece trilha de dificuldade moderada, espaço para banho e vista panorâmica de quase toda a cidade, sendo

considerado um dos melhores lugares para se ver o pôr do sol em Brasília.

Vida noturna

Trinta e dois clubes esportivos ocupam a orla do lago com diversas atividades e shows nos finais de semana. As casas noturnas mais badaladas da cidade também ficam nessa região. Mesmo que ao longo dos anos elas mudem de nome ou importância, com certeza a noite mais longa da cidade vai estar na beira do Lago Paranoá.

Pontão do Lago Sul



SHIS QL 10, Lote 1
Domingo a quinta-feira,
de 7h às 24h
Sexta e sábado,
de 7h às 2h

Pier 21



SCES Trecho 2, lote 32
Horário: de 12h às 2h

Pier do Lago Norte



Final da L2 Norte
Espaço aberto 24h,
atividades esportivas
de 9h às 18h

Ermida Dom Bosco



Estrada Parque Dom
Bosco, QI 29, Lago Sul
Horário: 8h às 22h

Poizé Beira Lago (casa noturna)



SCES Trecho 2
Terça a domingo, a partir
das 18h

Pier do Lago Norte



Final da L2 Norte
Espaço aberto 24h,
atividades esportivas
de 9h às 18h

Deck Lounge (casa noturna)



SCES Trecho 1, lote 1 –
Clube Aseel
Terça a domingo,
a partir de 21h

Na natureza selvagem e na natureza urbana

Os dois principais parques de Brasília oferecem espaços para atividades cotidianas ou contato mais íntimo com a natureza

Brasília é muito arborizada e repleta de espaços verdes, mas dois parques em especial são simbólicos para a capital. O Parque da Cidade Sarah Kubitschek e o Parque Nacional, sendo o primeiro de características urbanas e o segundo de proteção ambiental. Ambos fazem parte da recreação brasiliense, cada um ao seu modo.

Conhecido simplesmente como Parque da Cidade, o espaço multiuso fica logo acima da Asa Sul. Com 420 hectares, é o maior parque urbano do mundo, inclusive maior que o famoso Central Park em Nova Iorque. O espaço conta com lagos

artificiais, quadras esportivas, pistas para caminhada, ciclismo e patinação, além de um pavilhão coberto para exposições. Também estão à disposição bares, restaurantes e churrasqueiras ao ar livre.

Assim como o parque, o uso que se faz dele é muito diverso. Moradores da Asa Sul, que estão mais próximos do espaço, visitam o lugar diariamente para se exercitar. Já residentes de outras cidades do Distrito Federal vêm mais aos finais de semana. Os irmãos Lucas e Raphael Rodrigues, juntamente com os amigos Vitor e Pedro Sampaio, estão nessa lista. “Aqui



é o melhor parque” explica Raphael “a gente sempre vem para andar de bicicleta”. Os rapazes têm entre 16 e 21 anos e moram no Guará; e para chegar ao parque, eles usam o metrô.

“Acho muito importante ter um espaço desse na cidade, porque é sinônimo de qualidade de vida”, afirma Vitor. Alison Cruz, 25 anos, concorda. Há dois anos e meio ele frequenta o parque uma vez por semana para patinar. “É um hobby, mas também é saúde.” Já Lauriane Miranda, 25 anos, vem de Vicente Pires só para descansar e fazer amizades. “Eu gosto de vir e trazer a minha rede. Eu gosto da alternatividade e mistura de povos. Aqui eu encontro gente bem diversa”, explica.

Pelo caminho, sempre tem uma rodinha de violão e al-

gumas cestas de piquenique. Mas não se assuste se verificar atividades menos tradicionais, como guerreiros se confrontando com espadas e armaduras de plástico. Há mais de sete anos, um grupo de aproximadamente 30 pessoas se reúne semanalmente perto do laguinho para praticar sword play, esporte de interpretação de batalhas medievais. Otakus e cosplays também se encontram por ali.

Para a criançada, o parque recreativo Ana Lúcia funciona ao lado da Torre de TV e conta com brinquedos na areia. O foguetinho é um símbolo da infância brasiliense e faz parte da maturidade local perceber o quanto ele é pequeno à medida que você cresce. O parque de diversões Nicolândia está logo





ao lado e possui a maior roda gigante do país. Também está disponível uma pista de kart.

Parque Nacional de Brasília

O Parque Nacional conta com uma área de preservação de mais de 42 mil hectares e o curioso apelido de Água Mineral, provavelmente pelas famosas piscinas naturais de água corrente. O primeiro grande diferencial na relação do brasileiro com esse parque é que ele não é, geralmente, um local que se frequente toda semana. O que não quer dizer que seja menos querido no coração dos moradores. Uma verdadeira família brasileira tem boas recordações desse espaço.

O pico de visitação acontece nos dias mais quentes do ano,

no auge da seca, o que faz da Água Mineral o grande refúgio do calor brasileiro. Cleonice Feitosa, 43 anos, mora em Sobradinho e visitou o parque pela segunda vez. Ela estava exausta da seca e trouxe o marido e os filhos para curtir a piscina. Clarissa Castro, 20 anos, veio com o namorado e os amigos. “Acho que tinha cinco anos que eu não vinha. Mas estava fazendo muito calor e aqui a gente fica pertinho da natureza.” Além do biquíni, ela trouxe também um panelão de galinhada. As marmitas são comuns, porque não existem opções de alimentação.

O lugar é rústico. Quem gosta de aventura, mais do que banho de sol e piscina, pode fazer uma das duas trilhas disponíveis e ve-

rificar de perto a flora natural do cerrado. Animais silvestres raros ou ameaçados de extinção, como o lobo-guará e o tamanduá-ban-

deira também podem ser observados. Mas a principal atração são os famosos micos. Não é preciso fazer a trilha, os macaqui-

nhos surpreendem os visitantes ao se aproximarem e roubarem a comida dos desatentos. Esteja preparado, faz parte da tradição.

Parque Nacional de Brasília – Água Mineral



Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA),
a 10 km do centro
de Brasília
Horário: 8h às 16h
Ingresso: R\$ 7,50
(idosos e menores
de 12 anos são isentos)

Parque da Cidade Sarah Kubitscheck



Portões de acesso no
Eixo Monumental e nas
quadras 901, 906 e
910 Sul
Entrada franca



Brasília é Monumental





Escala Monumental

Aqui está a parte mais conhecida de Brasília, onde a criação urbana de Lucio Costa ganha pinceladas do traço arquitetônico de Niemeyer. A parte a que se deve toda justificativa de construção da cidade: a função governamental. Sede do poder federal brasileiro, expressão da arquitetura moderna mundial, a capital ganhou ares de monumento. Não no sentido de ostentação, diria Lucio Costa, “mas da ex-

pressão palpável, consciente daquilo que vale e significa”.

A Escala Monumental é o próprio corpo do avião, delimitado pelo eixo que leva o mesmo nome. São 16 km de extensão interseccionados pela Plataforma Rodoviária. Na porção oeste, estão os órgãos do Governo do Distrito Federal, como o Palácio do Buriti, o Tribunal de Justiça e a Câmara Legislativa. Na parte leste, a Es-

O que você encontra aqui





planada dos Ministérios com 17 prédios irmãos distribuídos regularmente até o encontro do Congresso Nacional.

Edifício símbolo da cidade, o Congresso Nacional é a obra predileta de Niemeyer em Brasília. Duas torres interligadas por uma ponte e duas cúpulas desiguais. Uma virada para cima, representa a Câmara dos Deputados; a outra, virada para baixo, o Senado. Ao lado, os palácios da Justiça e do Itamaraty se confrontam face a face. Distintos dos demais ministérios e semelhantes entre si.

A Praça dos Três Poderes é o retângulo que reúne as sedes dos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, representados pelo Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal e

o Congresso. Os prédios estão igualmente distantes entre si, de modo que um não se sobressaia sobre o outro, em referência à harmonia e independência dos poderes.

À medida que você se afasta da praça, o espaço se torna menos cívico e mais cultural. A Catedral é uma das obras mais representativas da cidade. Assinada por Niemeyer com vitrais de Marianne Peretti, vale a visita até do menos religioso. O Complexo Cultural da República, composto pelo Museu e a Biblioteca Nacional, fazem frente ao Teatro Nacional Cláudio Santoro, um polígono irregular recoberto de outras formas geométricas.

Para além da Torre de TV, mais opções culturais com sa-

las da Fundação Nacional das Artes (Funarte), o Clube do Choro e o Planetário, que foi reaberto em 2013. O Memorial dos Povos Indígenas está logo à frente do Memorial JK, de onde o presidente que transformou o sonho em capital acena aos visitantes.

A faceta mais agradável da escala é a interação entre o monumento, a vida cotidiana e a concepção de bem e espaço público. Ainda que as edificações sejam assustadoramente imponentes, a circulação é livre, a visitação aos prédios públicos, aberta e gratuita. A cidade é do povo.





Artesanato e histórias

No coração do país, a Feira da Torre reúne arte e culinária de todas as regiões do Brasil

A Torre de TV é um dos símbolos arquitetônicos da cidade. Um ponto de visitação certo durante o passeio turístico. A 75 metros de altura, a plataforma aberta ao público permite a vista de quase toda a cidade. Tão importante quanto a torre é a feira de artesanato que cresceu ao redor dela. No centro de Brasília, no coração do país, o espaço reúne pessoas que trouxeram consigo os costumes, a história e a cultura de diferentes regiões do Brasil.

A torre foi construída em 1967. No início da década de 1970, já começavam a se instalar ali os primeiros feirantes. Hoje a feira conta com 500 bancas divididas em

18 blocos e uma variedade de produtos artesanais para decoração, vestuário, acessórios, enxoval e, inclusive, móveis. Muitos dos feirantes são candangos, ou filhos de candangos que cresceram na feira e aprenderam a manusear o couro, a cerâmica ou o capim dourado.

Dona Zezé, 63 anos, faz bordados para artigos de cama, mesa e banho. Todas as peças da banca passam pelas suas mãos, ela dá cada ponto sozinha. “Aprendi a bordar em casa, com a minha mãe, e essa sempre foi a minha profissão.” Mas não por falta de oportunidade. Dona Zezé é natural de Goiânia, filha de fazendeiros. Aos 12



anos, veio para Brasília para estudar no colégio interno Santa Dorotéia e depois se formou contadora. “Nunca quis trabalhar com os números, eu gosto muito de bordar.” Já são 32 anos de feira e ela não esmorece. “O bordado está um pouco fora de moda, mas quem gosta sempre faz uma encomenda.”

Não é raro que os artesãos tenham outra formação. Margarida Leal, 52 anos, é de Uberaba e conta que o pai tinha uma loja de sapatos e a mãe era professora. “Eu me formei em Economia pelo meu pai e em Pedagogia pela minha mãe, depois mudei para Brasília para fazer o que gosto.” E o que ela gosta é do barro. Margarida faz cerâmica desde os 13 anos e explica que o ofício é tão traba-

lhoso que é preciso ter muita paixão. “É preciso preparar o barro, moldar cada detalhe da peça e depois são mais 48 horas de forno.”

Ela produz especialmente objetos de decoração para casa e jardim, além de utensílios de cozinha. Com 27 anos de feira, garante: “Tenho entre 200 e 300 clientes que sempre compram aqui”. Mas a paixão de Margarida não foi suficiente para conquistar os filhos. “Meu filho mais velho é médico, o outro é analista de sistemas, e os dois detestam barro.”

A escolha de Sandra Andrade, 49 anos, pelo artesanato também não foi bem vista pela família. “Até hoje meus pais acham um horror, meus filhos também. Mas eu faço o que

eu gosto e não ligo para eles.” Ela conta que virou feirante por amor. “Vim à Torre visitar um amigo e conheci o Cid da banca de bijuterias. Acabei me apaixonando e fugi de casa para morar com ele.” Hoje ela fabrica manualmente brincos, colares, pulseiras e anéis. A maior parte dos artigos são feitos de prata e levam algumas pedras. “Tudo o que sei, eu aprendi a fazer com o Cid. Nós tivemos dois filhos e, quando ele morreu, eu herdei a banca na feira.”

Sandra explica que a inspiração vem dos estilos barroco, rococó e indiano. Mas que, ao desenhar as peças, ela leva em consideração o estilo próprio. “Não sigo muito as tendências. Tudo que eu fabrico são peças

que eu usaria.” Hoje ela já não fabrica pessoalmente cada uma das bijuterias. Em sua oficina, conta com uma equipe de cinco pessoas.

Comida típica

Outra atração são as barquinhas de comida. Assim

como no artesanato, os corretores reúnem especialidades de diferentes regiões. Mesmo a mais de mil quilômetros do Nordeste, é possível provar acarajé e tapioca com tempero regional. A culinária do norte está representada por pratos típicos como o pato no tucupi.

A pamonha goiana e o feijão tropeiro mineiro também estão no cardápio. E, claro, não falta pastel com caldo de cana.

A feira funciona todos os dias, mas muitas bancas abrem apenas aos finais de semana, porque os artesãos usam os outros dias para produzir.



Feira da Torre



Eixo Monumental, abaixo
da Torre de TV
9h às 18h

Mirante da Torre de TV



Segunda, 14h às 20h
Terça a Domingo,
8h às 20h
Entrada franca

Lazer monumental

No meio das curvas do arquiteto havia um skate, uns patins e uma bicicleta

Mais do que símbolo do poder político, a Esplanada dos Ministérios é também sede confraternização e convivência. Durante o ano, muitas conferências, feiras, festas e shows são realizados no simbólico gramado verde. E com muito mais frequência, os moradores tomam conta do espaço para passear, relaxar e, principalmente, se exercitar em meio aos monumentos.

Se você tem interesse de ver a Esplanada de outro ângulo, se integrar à beleza arquitetônica e interagir com os monumentos de uma forma mais leve, vale a pena visitar o espaço durante o final de semana. É comum ver pessoas pedalando,

fazendo manobras no skate e nos patins. O ponto de encontro ideal é entre o Museu Nacional e a Biblioteca. A maioria dos frequentadores são jovens e adolescentes, mas também é possível encontrar famílias.

É o caso de Aldo Faleiro, 43 anos, que semanalmente traz os filhos Mateus, 10, e Bruna, 8, para andar de skate. Quem vê a família deslizando de mãos dadas pode até imaginar que o esporte era hobby de infância do pai que passou o costume para os filhos. Mas não. “Na verdade, eu nunca andei de skate quando era garoto”, explica Aldo. O empresário conta que queria passar mais tempo com as crianças e optou



pelo skate quando Mateus completou 6 anos. “Na época, a Bruna ainda era muito pequena, mas agora ela já acompanha.”

Muitas amizades também se formam do lazer na Esplanada. “Éramos dois amigos que gostavam de andar de patins. A gente veio praticar no Museu e descobrimos outras pessoas. Hoje já somos mais de 30”, explica Rachel Santos, 31 anos, professora de biologia. Ela conta que o grupo é formado por pessoas bem diferentes, que mantêm a conexão em torno do esporte. “É um hobby que fortalece muito a amizade, 80% da minha rede de amigos veio dos patins.”

Em dois anos e meio, o grupo ficou tão grande que ganhou nome, camiseta e grupo no Facebook. Apesar dos ares de oficialidade, a maior parte dos integrantes não tem pretensões de competir profissionalmente. “Eu não sabia que tanta gente gostava de patins, mas a maioria está aqui pelo lazer e pela saúde.”

Mesmo quem não é da família Patins Brasília Capital pode se sentir à vontade para se unir ao grupo. George Bruno, 25 anos, foi uma das últimas pessoas a entrar na equipe, há seis meses. “Foi super legal, todo mundo é muito receptivo e dispo-

to a ensinar. Se você não tem equipamento, eles perguntam a numeração, dão um jeito e emprestam.” Ele conta que procurou os patins para se exercitar, mas acabou encontrando muitos amigos.

O grupo combina os encontros via Facebook e às vezes se reúne também no parque da cidade. Mas o encontro tradicional acontece às quintas-feiras à noite e ficou conhecido como Museu de Quinta. No mesmo dia da semana também é possível encontrar na Esplanada a equipe do Pedal Noturno DF, um grupo de ciclistas amadores, mas com muito fôlego.



Lazer na Esplanada



Entre o Museu e a
Biblioteca Nacional
Especialmente nos finais
de semana

Museu de Quinta



Patins noturno no Museu
Nacional
Toda quinta-feira às 19h

Um monumento para todos

Brasília é um museu a céu aberto,
uma extravagância democrática

O Eixo Monumental é um excesso. Excesso de concreto, de branco, de simetria, de grama. A arquitetura se impõe e as pessoas ficam pequenininhas. É o lugar que faz lembrar que Brasília é capital. Não que Brasília já não fosse única por todo o resto, mas a Esplanada assina a magnitude que não poderia faltar na epopeia brasiliense. E é essa a grandiosidade que se faz sentir quando se caminha pela sede do poder nacional.

Mas toda essa imponência emana da arte, da extravagância arquitetônica, do abuso modernista. Brasília não constrange pelo poder ou pelo cerimonialismo. Brasília é do povo. É dos espaços públicos e democráticos. E é essa liberdade que se faz sentir quando se caminha pela sede do poder nacional.

O Congresso Nacional é revestido de mármore. A Rodoviária também.













Congresso Nacional



Praça dos Três Poderes,
Eixo Monumental
Visitas guiadas gratuitas
a cada 30 minutos
Horário: 9h às 17h
Entrada franca

Palácio do Itamaraty



Esplanada dos
Ministérios, bloco H
Visitas guiadas gratuitas
Horário: 9h às 17h
Entrada franca

Catedral de Brasília



Esplanada dos
Ministérios, lote 12
Horário: 8h às 18h,
exceto durante a missa
Entrada franca

Museu Nacional



Complexo Cultural da
República, lote 2
Terça a domingo,
de 9h às 18h30
Entrada franca



A cidade além do Congresso

Textos

Isabela Bonfim

Projeto gráfico

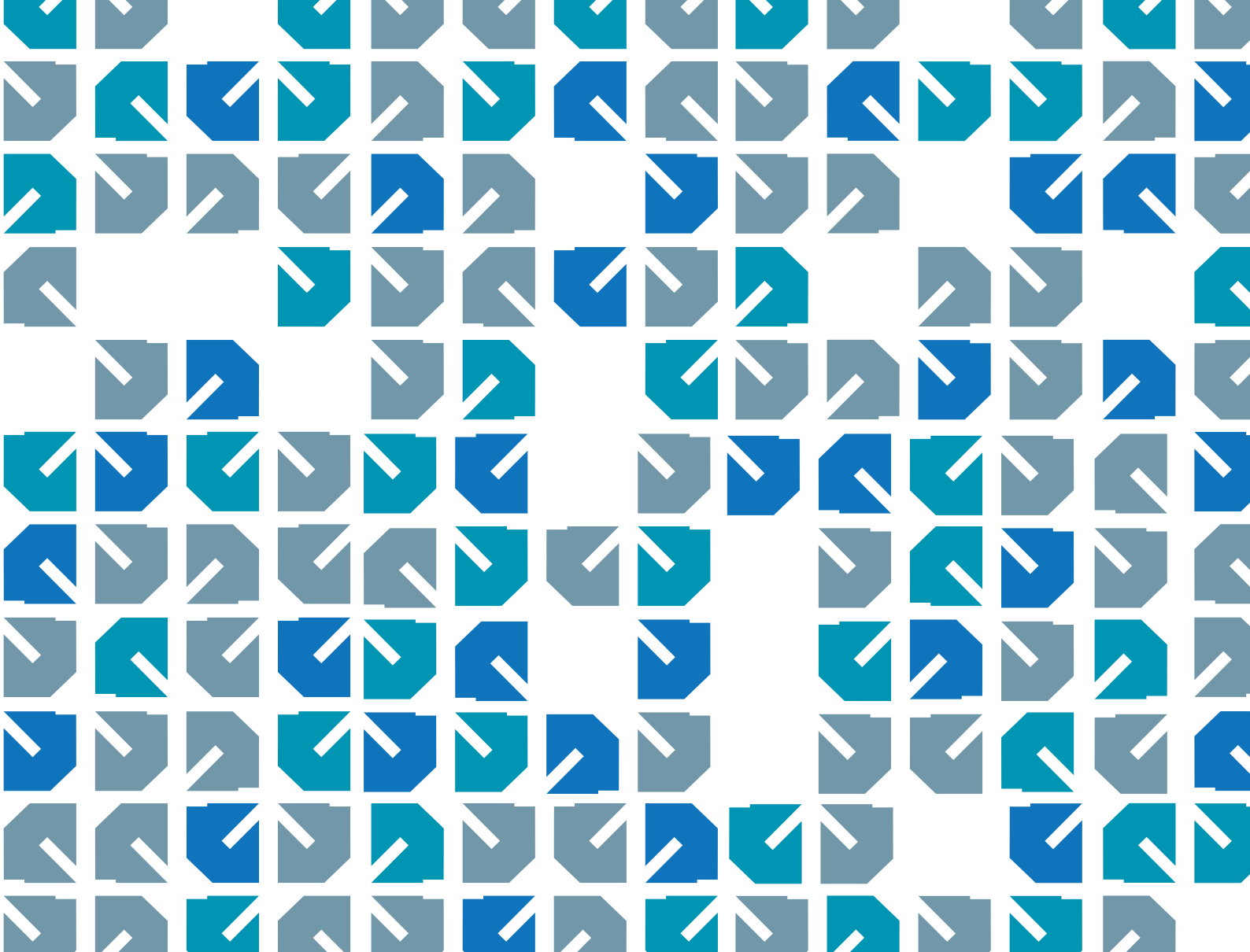
Luísa Ulhoa


Fotografia

Johnatan Reis

Isabela Bonfim

Luísa Ulhoa





Este livro foi composto em
Futura e Didot e impresso
em novembro de 2014